PARA TODOS...

ANNO XIII — NUM. 632 — Rio de Janeiro, 24 de Janeiro de 1931 — PREÇO: 1$000

Concurso de contos do PARA TODOS...

O maior e o mais importante certamen organizado na America do Sul -- O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz

A litteratura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um triennio.

Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os escriptos que jazem sob a poeira das gavetas os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo, ergueriamos uma verdadeira torre de Babel de bôa literatura.

A literatura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencafual-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. Elle já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quer sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos Pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da nossa empresa, publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TODOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE COTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer trabalhos literarios, ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com a "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral; b) citem nominalmente qualquer pessôa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já tenham sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro enveloppe fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concurrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em enveloppes separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade dessa empresa, durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão em qualquer de suas revistas: "PARA TODOS...", "EU VI:", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra qualquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

10ª — Todo trabalho concorrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre.

PREMIOS

CONTOS SENTIMENTAES		CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES		CONTOS HUMORISTICOS	
comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, religioso.		comprehendendo todo o enredo de acção, mysterio, tragedia e sensação.		comprehendendo todo o assumpto de genero comico e de bom humor.	
1º collocado	500$000	1º collocado	500$000	1º collocado	500$000
2º "	300$000	2º "	300$000	2º "	300$000
3º "	250$000	3º "	250$000	3º "	250$000
4º "	150$000	4º "	150$000	4º "	150$000
5º "	100$000	5º "	100$000	5º "	100$000
6º "	50$000	6º "	50$000	6º "	50$000
7º "	50$000	7º "	50$000	7º "	50$000
8º "	50$000	8º "	50$000	8º "	50$000
9º "	50$000	9º "	50$000	9º "	50$000
10º "	50$000	10º "	50$000	10º "	50$000
11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.		11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.		11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	
16º ao 30º collocado — 1 assignatura de qualquer das seguintes publicações: "PARA TODOS...", "EU VI:", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.		16º ao 30º collocado — 1 assignatura de qualquer das seguintes publicações: "PARA TODOS...", "EU VI:", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.		16º ao 30º collocado — 1 assignatura de qualquer das seguintes publicações: "PARA TODOS...", "EU VI:", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO PARA TODOS..." iniciado no dia 21 de Junho de 1930, encerrar-se-á, definitivamente, no dia 20 de Maio de 1931, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas, e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para todos..."

RUA DA QUITANDA, 7 — RIO DE JANEIRO

Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director - Gerente Antonio A. de Souza e Silva.
Assignatura: Brasil — 1 anno, 48$000 ; 6 mezes, 25$000.
Estrangeiro — 1 anno,....... 85$000; 6 mezes, 45$000.

O Espião Allemão

BRE a historia. Só ouvirás rumores de guerra. Aquelle tropel desapoderado? E' a avalanche tartara. Tamerlão, o tigre coxo, derrama sobre a Persia legiões de feras. E a chacina attinge proporções inauditas. Seu capricho exige em Ispahan setenta mil cabeças humanas. Cada secção do exercito lhe ha de fornecer uma quota. Fartos, cançados de cortal-as, os soldados entram a adquiril-as. Pagam a moeda de ouro cada uma. Era bom o negocio: a offerta cresceu. Como a offerta cresceu, o preço baixou para meia moeda. Reunidas as setenta mil, Timur construiu torres de craneos em redor da cidade...

Ruge a sangueira além. E' em Dehli. Timur, tigre precavido, antes de bater-se com Mahomet IV. delibera alliviar o exercito de cem mil prisioneiros embaraçantes. Solução magistral: degolla-os...

A vaga prosegue, chega a Ancyra, esmaga Bajazeto, o grande sultão, e passa...

E acolá? Assyria. De Ninive, antro de leões famintos, descem para a carniçaria os reis flecheiros. Assurbanipal canta os proprios feitos em inscripções chegadas até nós: "Construi um muro diante das portas da cidade e forrei-o com a pelle dos chefes. A outros emparedei vivos, a outros empalei ao longo das muralhas. Fiz arrancar o couro, em minha presença, a innumeros e revesti paredes com esse couro semi-vivo. Reuni cabeças em forma de coroas e os corpos entrelacei como guirlandas."

A vida da Assyria é inteira nessa primorosa carnificina. Tuklatabazar, Assurbanipal, Nabuco, Sargão, todos os magarefes reaes viram a sua pericia em arrancar o couro a creaturas vivas cantada pelos poetas, commemorada pela architectura, admirada pelos posteros.

Timur passou, passou a Assyria. Tudo passa mas a guerra fica. E' a guerra uma permanente. O homem tem a vocação do morticinio. A arte apotheosa a carniça. Os poetas só ascendem ao epico se o bafio do sangue lhes fumega a inspiração. A belleza suprema é Achilles fendendo craneos, do frontal á nuca. A historia da humanidade é um systema potamographico de enxurros vermelhos musicado pelos gemidos de dor dos vencidos. A guerra sempre. Só guerras. A guerra dos Sete Chefes, a guerra de Troya, as guerras punicas, as guerras de Roma — escravos, Numancia, mercenarios, Jugurtha, Mithridates, civil... Depois, as guerras da invasão. As cruzadas, depois. E as guerras de religião. E as guerras dynasticas. A dos Cem Annos, a dos Trinta Annos, a guerra das Duas Rosas, a da succcessão da Hespanha. A guerra americana da Secessão. As Napoleonicas, a franco-prussiana, a hispano-americana, a sino-japoneza, a ang'oboer... Depois... depois a Guerra Geral, a guerra do mundo contra a Allemanha. O rosario pára aqui. Mas como não pára o Odio, e como a estupidez humana é irreductivel, o futuro verá tantas guerras quantas viu o passado. Os grandes conductores de povos, Bismarck, Tisza, Clemenceau, Lloyd George, simples vontades de aço despidas de intelligencia, incapazes d'outra philosophia que não a das maxillas da hyena. Porque elles perpetuam a guerra, a humanidade os erige em semi-deuses. E com elles, poetas, pensadores, generaes, a industria, o commercio, a imprensa, a humanidade inteira — fóra as mães — zelam, como vestaes, para que se não extinga o fogo sagrado do Odio. Já para os deuses, de Jupiter a Jehovah, era a vingança o prazer supremo. Se sabe ella assim a paladares divinos, que admira saber tanto a paladares humanos, tão proximos ainda da pithecanthropia erecta donde sahiu o macaco glabro que se classificou a si proprio "homo sapiens", ignorando como o classificarão os cavallos?

—

Tambem nós, da Gecatatuasia, temos tido nossas guerras. A grande, do Paraguay, onde fizemos pretos d'Angola chacinar os selvagens do Chaco e as pequenas, internas. Temos a Guerra dos Mascates, onde torceu o pé um reinol e, consta, arranhou-se um nativo. Temos a do Alecrim e da Mangerona, que não arranhou ninguem. Mas a guerra grande, a guerra guerra, a guerra de encher olho a Marte e berrar por poetas que a botem em Illiadas parnasianas com o retrato de Bellona no frontispicio, ah! temos a nossa guerra contra a Allemanha. Essa nação formidavel, Assyria encouraçada de aço, machina monstruosa que apavorou o mundo, Golias de tremenda catadura temperado nas forjas de Krupp, viu saltar-lhe á frente David de iverapema em punho. E o caso foi que mais uma vez venceu David ao gigante. Quem duvidar do milagre, leia o "Lyrio" de Itaóca, semanario "litterario, recreativo e commercial", numero extra, de oito paginas, commemorativo da assignatura do armisticio.

"Vencemos! O gigante jaz por terra, exangue. A esquadra dispersa, os exercitos rotos, a arrogancia abatida, — a invencivel Allemanha dobra os joelhos e entrega-nos a espada saugrenta! Honra aos gloriosos estadistas que nos impulsaram á luta! Honra ao Exmo. Sr. Dr. W. B. Pereira Gomes, dignissimo presidente da republica. e honra, sobretudo, ao inclito coronel José Pedro Teixeira Marcondes, honradissimo presidente do directorio politico de Itaóca e chefe honorario da heroica linha de tiro "Frei Gaspar da Madre de Deus!" Ave! Ave! Ave! Evohé!"

—

E' força que os novellistas fixem estes aspectos heroicos do paiz já que descuram delles Pombos e Capistranos sisudos.

A acção de Itaóca durante a guerra foi devéras notavel; mas como Itaóca não passa de humilde logarejo perdido nas perambeiras da serra, sem bons correspondentes junto aos jornaes do Rio, toda a sua agitação marvotica permanecerá sem noticia se não lhe acode chronista fiel.

Itaóca tem, officialmente, cinco mil habitantes, estatistica feita a olho. O chefe da terra mandou carregar vinte por cento de "crescima" sobre o calculo do vigario, em virtude da velha rivalidade com Itapuca, cidade vizinha onde o olhometro municipal accusara quatro mil e quinhentas almas, afóra as penadas. Itaóca não se abaixa! Já sua philarmonica era a melhor, o jornal tinha mais estylo e o mercado mais verdura. Ficou mais populosa, tambem, depois do patriotico recenseamento.

Itaóca é regida, politicamente, pelo coronel José Pedro, e intellectualmente pelo vigario, monsenhor Accacio da Silva, um homem que sabe tudo, desde latim até astronomia! Além deste luzeiro, ha outras possantes candeias em Itaóca, o juiz, velho bacharel pelo Pedro II, o Leão Lobo, mulatinho disfarçado, emerito em versos, charadas, enigmas e logogriphos. Ha ainda o Pimenta, secretario da Camara, o major Ventania, veterano de Itararé, e outros, que leram o **Rocambole** a fio e assignam as folhas governistas.

Quando rebentou a guerra foi grande a emoção de Itaóca. Sensação de estupor. Mas o coronel, expedito que era, não vacillou um minuto: convocou o directorio. Reunidos que foram os seus oito membros, o presidente expoz com palavras solemnissimas, a gravidade do momento, e pediu alvitres. Pimenta tomou a palavra e propoz ficar o directorio em sessão permanente até o fim da guerra. Leão Lobo aventou a idéa dum **comité** de Salvação Publica bem como a de um vereador sem pasta. Outros alvitres de primeirissima foram lembrados, mas só logrou approvação a idéa sensata do presidente: não fazerem coisa nenhuma antes das outras municipalidades se manifestarem. Aguardariam

os acontecimentos de olho ferrado nos jornaes e no patriotico presidente da Republica, a quem officiariam em termos do mais alevantado estylo. Quanto á sessão permanente, achava isso uma grande maçada.

Assim se fez e Itaóca, não podendo revelar genio creador, comportou-se durante a guerra como a mais direitinha das Maria-vae-com-as-outras.

A primeira resultante da guerra foi o incremento das linhas de tiro. Itaóca não ficou atraz, deitou, tambem, o seu tirozinho. Que revolução não foi elle! Veiu instructor de fóra, e a coisa se fez por musica, com duzentos homens de effectivo, no papel. Effectivos, na realidade, eram apenas vinte. Os mais, homens de 80 kilos, negociantes, fazendeiros "gente grada" constituiam o "enchimento". Cooperavam com dinheiro e boa vontade, mas isso de exercicio, gymnastica, e tiro ao alvo — "coisa de meninada". Apesar de apenas vinte, os rapazotes de perneira e chapéo á americana transformaram Itaóca em praça de guerra. Varreram do coração das meninas todos os rivaes civis. Era de vel-os passar, garbosos, em marcha cadenciada, sob o corisco dos olhares languidos das Sinházinhas e Mariquitas janelleiras. Da pobre ralé de paletó sacco e palheta salvou-se um ou outro, de rubi no dedo. Venus sempre foi doidinha por Marte...

O armamento requisitado ao Ministerio da Guerra para o "Frei Gaspar", apesar de promettido, nunca chegou a Itaóca. Não obstante, exercitavam-se os voluntarios com uma Flaubert passarinheira do Pimenta. Aos sabbados, na séde da linha, compareciam os vinte heroicos atiradores e cada um dava seu tirozinho na lata de marmellada posta como alvo a vinte passos de distancia. A munição, porém, encareceu. As balas chegaram ao preço absurdo de cem réis por cabeça. Era um desperdicio gastar vinte cada semana, para transformar lata velha em crivo. D'ahi veiu a grande idéa do major Ventania, commandante superior do "Frei Gaspar". Ponderou elle: alvo por alvo tanto é alvo a lata como um passarinho; ora mirando passarinhos, o atirador exercita-se da mesma maneira e sempre apanha um ou outro com proveito duplo, do treino e do jantar. Sendo assim, não era mais logico aproveitarem-se as vinte balas semanaes no pomar, em caçada ás rolinhas, sabiás e sanhaços? Sensata que era a idéa foi logo posta em pratica, e o exercicio de tiro ficou reorganizado assim: cada domingo a Flaubert e vinte balas eram entregues a dois voluntarios para caçarem onde lhes aprouvesse, sob a condição de repartir a caça abatida com Ventania, pae da idéa e muito guloso de arroz com passarinho. O major deu-lhes ainda um conselho de alta estrategia culinaria:

— Dêem preferencia ás rolinhas; são mais carnudas que os sanhaços. Quanto aos sabiás, não me parece patriotico atirar nos rouxinóes de Gonçalves Dias, além de que a carne não vale nada.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro deve ser dirigida para a rua da Quitanda, 7 — Rio de Janeiro.

Monteiro Lobato

Este mirifico systema deu resultado triplice: desbaste nas laranjas e passarinhos pomareiros, muita precisão nos tiros dos rapazes e engorda do major. Dois não caberão, mas tres proveitos cabem num sacco, pelo menos em Itaóca. O major Ventania que o diga.

Apurando o seu apparelho de defesa, Itaóca dormiu socegada, á espera do inimigo. Que viessem os barbaros germanicos, e cahiriam ceifados como rolinhas! Não foram tolos. Não vieram. Não veiu nem um fulano sequer. Mas que a Allemanha poz o seu olho de aguia em Itaóca, isso não resta a menor duvida. Aqui muito á puridade o confessamos hoje: andaram espiões por lá!

— ?

— Sim, espiões, e dos peores. Andaram roubando a cidade, tomando plantas, tirando desenhos... Agora que se acabou a guerra, é permittido confessar o feito. Antes, não; por isso foi o segredo guardado religiosamente pe'as autoridades locaes, pelo Leão Lobo e até pelas mulheres, tão palreiras. Nobilissimo povo de Itaóca! Quantos males não poupou ao paiz a tua severa discreção!...

Foi assim o caso. Leão Lobo sahia da chimbica do costume em casa do Pimenta, ás onze da noite, quando, no largo da matriz, cruzou com um vulto desconhecido, ruivo de cabellos, maltrapilho, ar suspeitissimo e trouxa mais suspeita ainda, sobraçada. Um prophetico relampago lucilou-lhe no cerebro: espião! Sobreesteve o coração aos pinotes, meditou tres segundos, e como uma flecha voou á casa do coronel José Pedro, já na paz dos lençóes aquell'hora. Leão Lobo bateu na vidraça freneticamente, tres, quatro, cinco vezes. O coronel appareceu de chambre, gorro de lã, vela na mão e assustadissimo:

— Que é lá?

— Coronel, espiões na terra!

O pobre homem, mal acordado, estremeceu da base ao apice num dos maiores abalos da sua vida. Engasgou-se. Tartamudeou. E ao termo de dois minutos de tonteira poude apenas murmurar em voz debil: entre! A porta abriu-se e Leão Lobo entrou.

— Como que então, espiões? — disse o coronel de olho arregalado.

— E dos peores, confirmou Leão Lobo, d'aquelles, coronel!

A entonação do "d'aquelles" foi tão impressionadora que José Pedro encostou-se á parede para conservar o aprumo coronelicio. A situação era de todo imprevista. O chefe não sabia como agir. Salvou-o Leão Lobo, affeito a lidar com os problemas charadisticos e logogriphicos dos mais crespos.

— Coragem, coronel! O momento não é para vacillações. Proponho que se desperte Ventania, que se mobilise o "Frei Gaspar", mais a policia, e que se monte guarda rigorosa ás sahidas da cidade durante o resto da noite. Amanhã engaiola-se o melro!

— Bem ponderado! — exclamou o chefe já mais seguro de si. Vá você meesmo avisar os homens emquanto eu...

Leão Lobo sem esperar o fim sahiu aos pinotes emquanto o coronel... emquanto o coronel voltava para a cama bastante apprehensivo.

— A gente tão socegada aqui e aquelle raio da Allemanha...

— Que foi? — indagou a mulher.

— Espiões na terra, Candoca! Raios de espiões!

D. Candoca era um poço de bom senso. Disse apenas:

— O que me admira é vocês andarem pela cabeça daquelle bódinho — e virando-se para o canto adormeceu.

Leão Lobo acordou Ventania e o delegado. Hora depois o destacamento policial, um cabo e duas praças, mais o tiro inteiro estavam em pé de guerra, com grande pavor de varias mulheres despenteadas que á janella, em camisa, punham as mãos invocando as Nossas Senhoras adequadas ao lance, — que aquillo era por certo o fim do mundo.

Não havia lua e como os lampeões não se accendessem havia mezes por precaução contra os zeppelins mortiferos, a escuridão era de breu. Mesmo assim, ás apalpadelas, as forças mobilisadas agiram com tal estrategia que, tres horas após o rebate, todas as sahidas de Itaóca estavam hermeticamente sentinelladas. Numa dellas ficou metade do "Frei Gaspar" com a Flaubert á frente. A outra metade conseguiu munir-se duma velha garrucha de dois canos, carregada de chumbo de Paula Souza. A senha era impiedosa: não deixar passar viv'alma... loira ou ruiva; em caso de resistencia, fogo de barragem!

Não passou ninguem, afóra o Vinagre, cachorro veadeiro do Pimenta, que como o seu dono, tinha habitos nocturnos.

Amanheceu afinal. Quando o astro rei, desdobrando as gazes da aurora, espargiu sobre o orbe os seus primeiros raios — como esplendidamente dis-

se mais tarde o "Lyrio" historiando os factos — o major Ventania e o delegado iniciaram rigorosa pesquisa. Não foi preciso muito. O espião já estava espichado no trottoir da egreja ronflando com a cabeça apoiada na valise suspeita. (Adivinhava-se aqui o estylo do Pa.l-Ma i-Lyrio, secção evidentemente influenciada pelo mirifico José Antonio José). O major Ventania não vacilla, mette dois dedos na bocca e tira um assobio agudissimo. Era o signal. Acodem logo o Tiro, mais o destacamento e a molecada. Solemnemente, então, num scherlockiano nhoc, agarram, em nome da lei, o perigosissimo agente do Kaiser. Não ha memoria em Itaóca de lance mais repassado de dramaticidade. O patriotismo esgasgava os pro-homens da terra, emmudecendo-os de sagrada emoção. Naquelle momento augusto salvava-se a Patria...

Dali seguiu para a cadeia o infame dolichocephalo louro, e lá montou guarda o Tiro. Ao detentor da Flaubert foi marcado o posto de maior responsabilidade, á porta do xadrez, com ordem de conserval-a engatilhada.

— Se o bicho tentar fugir, nada de molezas, ordenou o major, fogo nelle, fogo de barragem!

A's dez estava tudo prompto para o interrogatorio. Mas aqui surgiu imprevista difficuldade: o espião teimava em não falar lingua de gente, e na terra, fóra os membros da colonia allemã, ninguem pescava um yá da odiosa lingua de Goethe. (A colonia allemã de Itaóca compunha-se do velho boticario Muller, estabelecido com pharmacia havia 60 annos, e uma sua criada, nascida em Blumenau).

— E agora, indagou a autoridade atarantada? Só se convidarmos o Muller para interprete.

Leão Lobo, com a sua clara visão de patriota exaltado, obtemperou incontinenti:

— Não é possivel! Muller, como allemão, é suspeito. Póde alterar as respostas do agente. Proponho como "lingua" o monsenhor Accacio. Ha de saber allemão. Que é que elle não sabe? Até astronomia!...

Era verdade. Monsenhor Accacio sabia tudo, dissertava de **omnia res sibile**, e em linguas vivas e mortas ganhava até de D. Pedro II que sabia quatorze.

Veiu o padre. Solemnemente, durante meia hora, bateu lingua com o espião, sob o olhar aparvalhado dos assistentes. Por fim, disse:

— O allemão deste homem, concluiu sentenciosamente, é o allemão Thuringio da baixa germanidade wallona da Silesia hannoveriana. Inintelligivel, portanto, a quem, como eu, só conhece o allemão grammatical da alta germanidade dos Goethes, dos Lessings, dos Bergsons, dos Scheneider-Canets.

Os circumstantes pasmavam. Leão Lobo enthusiasmado, cochichou para Ventania:

— Não vos disse? E' um **bicho**!

Do pouco que o espião dissera, uma phrase, por muito repetida, gravou-se na memoria dos itaóquenses: **ai eme inglix**. Leão Lobo, affeito a lidar com os mais embaraçantes enigmas, tentou decifrar a phrase mysteriosa pelos processos charadisticos. Matutava: **A, I, M, inglix; A**, uma; **I**, uma; **inglix**, duas; conceito? Engasgava-se no conceito. Estava nisso, quando o padre cortou o nó gordio:

— **Ai eme inglix**, disse elle enrugando a testa, quer dizer, se me não falham as analogias glottologicas, "estou com fome". E' natural. Já bateu meio dia. Dêem-lhe, pois, almoço, e a mim licença para me retirar que estou de hora passada. E, pondo na cabeça o chapéo felpudo, sahiu, solemne e sabio como a propria Minerva de batina e coroa. Leão Lobo namorou-o com o olhar até certa distancia.

— E' um **baita**, o nosso monsenhor!... Pena viver neste fim de mundo. Se "actuasse" no Rio, que figurão!...

Na impossibilidade de arrancar ao espião palavras intelligiveis, resolveram envial-o á capital de presente ao chefe de policia. Iria escoltado por quatro heroicos voluntarios, tirados á sorte. Assim se fez, e no dia seguinte houve choradeira de mulheres e um discurso ao bota-fora. "Ide-vos, disse o orador official, a Patria exige de vós esse sacrificio. Não occultamos os perigos que correis. Este facinora poderá ser membro duma quadrilha de sicarios emboscada á beira da estrada. Podeis ser chacinados em massa, atacados a gazes lacrimogeneos, picotados pelas metralhadoras. Não importa! Ide-vos! A Patria exige o vosso sangue. Se cahirdes, tereis como recompensa a sua gratidão eterna!".

— E o nome numa rua, aparteou o presidente da Camara.

Partiram os jovens heroes. Nunca se viu maior resignação ao sacrificio. Malbaratavam a vida como heroes de raça que eram, com antepassados na Guerra dos Mascates e dos Emboabas.

Itaóca distava duas leguas da via ferrea e quarenta da capital. Os rapazes da escolta, apesar do quadro horrendo que o orador desenhara, arreceavam-se menos das emboscadas do inimigo, perigo um tanto problematico, que do trajecto da via ferrea, vezeira em descarrilamentos, choques, telescopagens, etc. Razão pela qual só empallideceram quando, na estação, ouviram o apito do trem mortifero. Antes do embarque, radiographaram para Itaóca um despacho conciso mas eloquente: "Chegámos. O espião sempre na unha. Viva a Republica!"

Quando o Zé Bruno, preto recadeiro que fazia carretos a pé a mil réis por legua, entregou o radiogramma ao major Ventania, o prefeito municipal commemorou a auspiciosa noticia mandando atuchar uma duzia de foguetes pela verba "soccorros publicos".

Nesse mesmo dia um grupo de exaltados promoveu uma grande manifestação patriotica. Falou na praça 7 de Setembro, com pathetica eloquencia, o inclito Leão Lobo, produzindo a mais vehemente oração de sua vida. "Ali, senhores, disse elle apontando o **trottoir** d'ora avante historico, esteve deitado, fingindo que dormia mas de facto espiando, um dos mais perigosos agentes da espionagem allemã. O scelerado não confessou, mas havia de confessar? havia de denunciar os tenebrosos planos do Anti-Christo moderno, esse Kaiser assassino que assassina o mundo? A situação é gravissima, meus senhores! Itaóca está sobre um vulcão. Minada por todos os lados, a vida das nossas familias, as honras das nossas esposas, as mãozinhas das nossas creanças (sensação) correm o maior dos riscos! Lembre-vos da Belgica, essa heroica crucificada na cruz de ferro do monstro kruppeano! (sensação). Senhores! Um desaggravo se impõe. Precisamos manifestar a

nossa repulsa perante a colonia allemã que, como vibora, alimentamos em nosso seio. Viva a França! Viva o Exmo. Dr. W. B. Pereira Gomes, nosso imperterrito presidente!"

Foi um delirio. Estrepitaram palmas d'envolta a imprecações de vingança. "Abaixo o Muller!" A onda popular, arrastada pelos impulsos do mais nobre patriotismo, despejou-se como torrente, para os lados da velha botica. Leão Lobo á frente, com o patriotismo a cem gráos centigrados, desfechava vivas e morras truculentos. Viveu Clemenceau, Joffre, Foch; morreu Hindenburgo, Mackensen e Enver-Pachá. Os **gavroches** (está no "Lyrio") iam pelo caminho juntando pedras para o bombardeio da colonia. Defrontados que foram com a odiosa pharmacia, choveram projectis, apupos, assobios. Não ficou vidraça intacta. Um obuz, penetrando na prateleira das drogas, quebrou ali o vidro de sal-amargo. Tambem a ipeca e a tintura de iodo foram seriamente maltratadas. Mas a colonia allemã não deu mostras de si. Nem Muller nem a criada tiveram a coragem de mostrar a ponta do nariz. Covardes!

Os patriotas, cansados de apedrejar e desafiar, arrancaram a placa da botica e levaram-na á guisa de tropheu para a redacção do "Lyrio", onde se beberam varias garrafas de champagne (soda), sempre pela verba dos soccoros publicos.

Na noite desse dia a esposa do coronel José Pedro teve uma violentissima colica intestinal. Receitaram-lhe sal-amargo. Correu á botica uma negrinha, mas voltou de mãos abanando:

— Seu Muller manda dizer que não tem; que os patriotas quebraram o vidro; se serve sal de azedas que tem.

A pobre D. Candoca estorcendo-se:

— E' isto, exclamou, aquelle bódinho faz das suas e quem paga o pato é a pobre de mim!... Ai!

— Mulher! — interveiu o marido, — a Patria acima de tudo!

— Vocês são uns...

O chronista não ouviu o qualificativo da D. Candoca, mas a avaliar pela cara do marido, foi dos mais duros. O homem passou embezerrado o resto do dia.

A' noite chegou telegramma do chefe de policia: "Verificámos prisioneiro subdito inglez. Receios complicação diplomatica. Guardem reserva ridiculo incidente".

O coronel José Pedro, desapontadissimo, esteve meia hora com o papelucho na mão, meditando. Depois, reuniu os paredros, e lhes disse:

— Recebi telegramma confidencial do chefe. O caso é mais grave do que suppuz. Sou obrigado a guardar reserva. Altos segredos de Estado, vocês comprehendem...

Apatetamento geral. Cada um commentou a seu modo o caso, e Leão Lobo, incontinenti, recorreu ao methodo charadistico: **Telegramma, reserva, segredo de Estado**... Conceito? Era a segunda vez na semana que lhe escapava uma charada por falta de conceito.

Assim permaneceram até á noticia da volta dos heroicos expedicionarios. Que bella festa a recepção! Foi a banda esperal-os á bocca da cidade, e com ella os patriotas, o Tiro, as moças. Mal os avistaram romperam vivas. A banda cascou o hymno. Depois a **accolade** ("Lyrio"). A Mariquinhas Fagundes offereceu a cada um uma coroa de louros, feita com folhas de camelia. Ella mesma enfiou-as na Flaubert de um, na garrucha de outro, e nos guatambús chumbados dos restantes. Scena de commover! Itaóca sabia ser grata para com os filhos heroes...

E não ficou nisso, note-se. Na primeira sessão da Camara foi proposta a cunhagem duma medalha commemorativa, tendo no verso um cambito de perneira esmagando uma vibora e no anverso um distico em latim. E' verdade que cahiu este projecto. Mas vingou outro, mais economico: dar quatro ruas aos quatro heroes. Eis como as antigas ruas General Osorio, Duque de Caxias, Regente Feijó e Rio Branco, passaram a denominar-se respectivamente, rua do Tenente Teixeira, rua Aristeu da Silva, rua José Joaquim de Souza e rua Aristogiton Pereira.

HISTORIA DA MUSICA
PELA SENHORA SCHUMANN HEINK

A penna de aço

CERTA occasião, Schumann jantava com Liszt. Este falava muito mal de Mendelssohn. Schumann, que era grande admirador de Mendelssohn, acabou irritando-se e, levantando-se do seu logar, agarrou Liszt pelos hombros e depois de tel-o sacudido violentamente retirou-se sem dizer palavra.

SCHUMANN escreveu diversas peças para piano, cada qual mais bella. A mais famosa, entretanto, é a chamada Carnaval, uma collecção de esboços nos quaes descreve os seus amigos, inclusive Chopin e Mendelssohn e os seus modos differentes. Ha humor, sentimento e philosophia nesta bella obra.

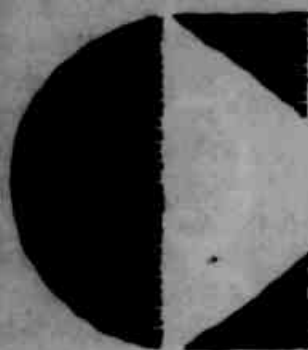
PIM

QUANDO esteve em Vienna, Schumann visitou o tumulo de Beethoven. Encontrou uma penna de aço sobre a lapide. Achou que essa penna devia ser um bom talisman e com ella escreveu uma das suas obras mais grandiosas, a symphonia em si maior. Schumann escreveu ao todo quatro magnificas symphonias.

QUANDO tinha 44 annos, Schumann perdeu a memoria. Tentou acabar a sua vida atirando-se ao Rheno, porém foi salvo. Durante a sua doença imaginava estar conversando com Mendelssohn e Schubert. Falleceu num asylo de alienados em 1856.

NÓS
OFFERECEMOS
DINHEIRO...
$$$$$$$$
SÍM,
Porque todos ganham
dinheiro e augmentam
as suas vendas
annunciando
nas Revistas:
Eu vi: - Para-todos... - Cinearte -
O Tico-Tico - Moda e Bordado -
O Mez Illustrado - Illustração
Brasileira - Leitura para todos

PARA TODOS...

AMANTES DO AMOR

CANTA baixinho a tua dor. Farás tua consciencia dormir. Canta.

. . . .

—"Eu nunca amei uma mulher. E, no emtanto, ninguem amou melhor do que eu.

Primeiro, amei a Belleza da luz. Enamorei-me do Sol. Recebi-o entre meus lençóes com volupias de amante e vaidades de enamorado.

Meu coração deante da luz era um bater de asas, um cantico de alegria. Fui tão loucamente apaixonado que só de estender as mãos para o céo parecia trazel-as cheias de raios de Sol.

Fui amante da Belleza da Luz. Tinhamos encontros maravilhosos, marcavamos horas para o Amor. Como uma loira mulher ella brincava com meus nervos, com meus cabellos, com meus sentidos e com minh'alma.

Precisa tão pouca illusão para muita Felicidade.

Depois amei uma arvore de acacias. Amei-a porque ella me parecia o sol plantado. O sol raiz. O sol folhas. O sol flores... Conversavamos tanto... Ella era alegre, travessa, garota.

Quanto eu estava triste e lhe dizia em silencio o que soffria, as minhas palavras ficavam penduradas nas flores amarellas e ella jogava com o Vento, como uma peteca, a minha Dor.

Quando eu estava alegre, que festa em nós dois. Eu me sentia então mais arvore que homem. Mais vegetal que animal.

Fugi desse amor quando o inverno chegou e deixou minha amada nua e feia.

Amal-a feia e triste seria humilhal-a, por isso fugi.

Depois amei o silencio. A solidão.

E desse amor nasceu-me a certeza de que ha minutos em que a propria amplidão parece pequena para conter os desejos de noss'alma.

Amei no silencio, minh'alma.

Guardamos sempre, dentro de nós, um deus feito de retalhos de todas as nossas crenças e de todos os nossos sonhos.

Fui o amante de minh'alma. Adorei o meu deus.

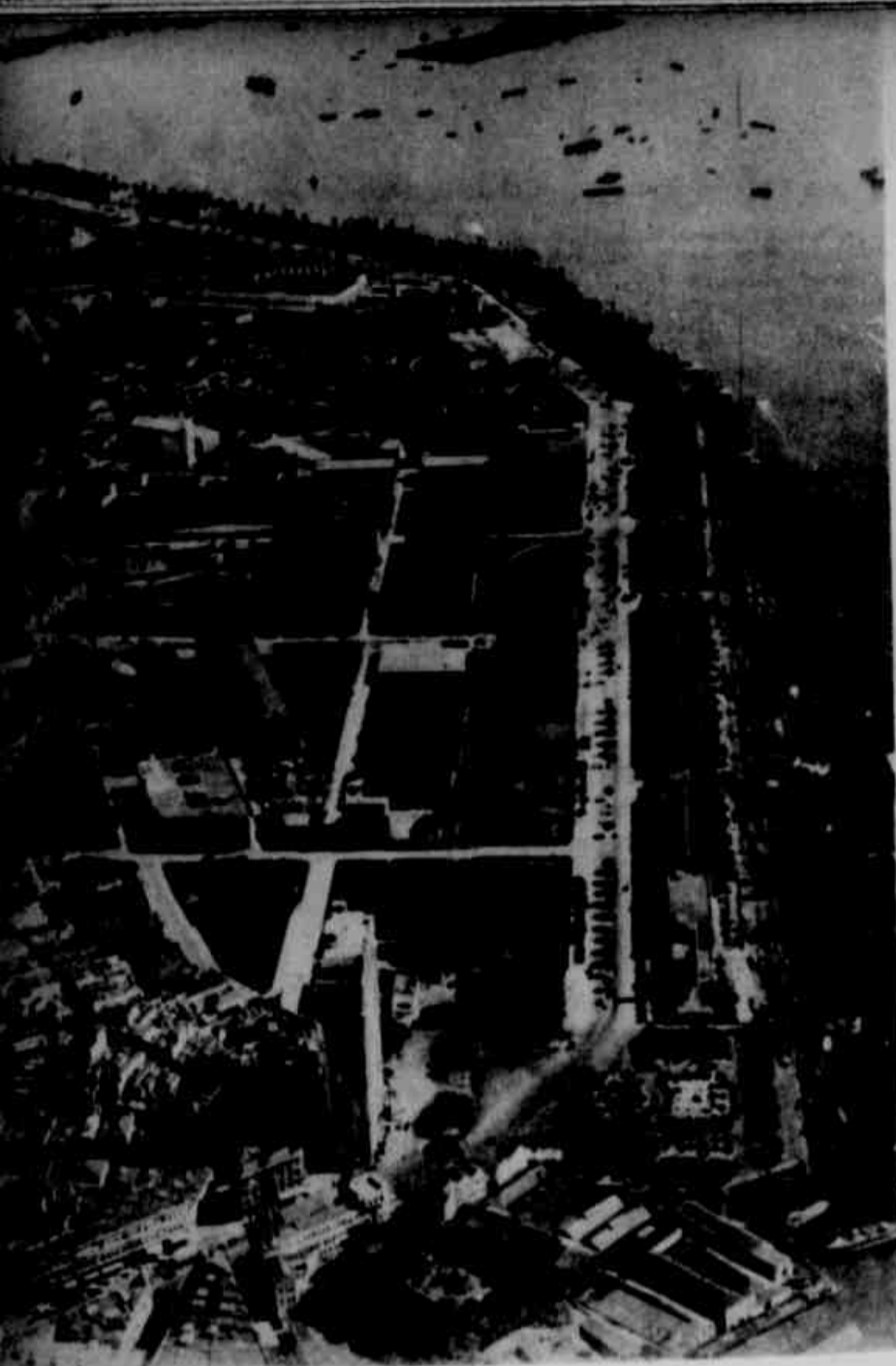
As mulheres deixaram-me indifferente porque eu tenho o destino de amar o que ninguem amou. O que ninguem possuiu. O que amo e possuo com volupia e ardor dentro de meu eu.

A felicidade consiste em viver no fundo de si mesmo com as suas illusões. Sempre fui feliz.

Aprendi com os meus amores a calar o soffrimento. Sabedoria dolorosa...

Querem convencer-me de que sou louco. Mas o cerebro que trago é claro e limpo...

E se meus amores nunca me embriagaram do prazer da carne, têm-me deliciado de todos os prazeres da alma..."

ENEIDA

Rio de Janeiro — Cáes do Porto

Na rua d. Emerenciana

COMO era dia de pagamento no Thesouro chegou em casa mais cedo que de costume, não eram ainda duas horas batidas no carcomido relogio de parede, cujas pancadas lentas soavam como um ranger de ferros velhos. O pintasilgo debicava a cuiazinha de alpiste. Descançou os embrulhos em cima da mesa núa, occasionando um vôo precipitado de moscas, dobrou o jornal com cuidado, obedecendo ás suas dobras naturaes e escovava o chapeu, preto e surrado, quando D. Véva, presentindo-o, perguntou da cozinha:

— Você recebeu, Jerome?

— Recebi, filha — respondeu pendurando o feltro no cabide de bambú japonez, que atulhava o canto da sala, por baixo duma trichromia, toscamente emoldurada, representando o interior dum submarino inglez em actividade na grande guerra.

— E trouxe tudo?

— Menos o pé-de-anjo da Jujú porque me esqueci do numero.

— Trinta e sete e de florzinhas, vê lá se vae esquecer outra vez, seu cabeça de gallo!... Olha que ella já faltou hontem e hoje á escola por não ter sapatos. A professora até mandou saber por uma collega se ella estava doente.

Não havia meio do garfo tomar brilho. A gallinha cacarejou no terreirinho cimentado. D. Véva se esforcava passando pó de tijolo e o diabinho da Fifina a bulir nos talheres.

— Tira a mão dahi, menina, que você se corta!

Seu Jerome tossia, admirava o pintasilgo:

— Que é isso, seu marreco, então passarinho de papo cheio não canta?

D. Véva virou-se:

— E a Venosina, achou?

— No Gesteira não tinha, comprei no Pacheco mesmo: treze e quinhentos!

D. Véva emmudeceu com o preço: treze e quinhentos!! Abriu a torneira toda para lavar a panella. Seu Jerome, pigarreando no fundo da alcova trocava os sapatos pelos chinellos de corda com ancoras bordadas.

— Póde botar o café.

A Fifina sahiu que nem foguete para ir buscar pão na padaria.

— E' preciso pagar a seu Salomão sem falta, continuou D. Véva. Elle já veio hontem, que era o dia marcado, eu pedi desculpas, que você não tinha recebido ainda, o pagamento andava atrazado — por causa dos feriados, expliquei — e marquei para passar hoje. Tinha me esquecido de avisar. Fiz mal?

— Não, Véva. Quanto é?

— Assim de cabeça não sei, meu filho, só fazendo as contas. Espere um pouquinho que eu já vou ver.

Enxugou as mãos asperas no panno de pratos muito encardido, guardou a louça no "buffet" enfeitado com papel de seda verde e recortado, elle acavallou o pince-nez azinhavrado no nariz flacido, e sentaram na mesa com o caderno das despesas, exactamente quando a Fifina voltava com o pão, suada e esbaforida.

Seu Azevedo, vizinho, um bom homem, de tardinha, palito nos dentes e paletó de pijama listrado, vinha com a Lucia e a Ninita, as pequenas, gosar a fresca, — digam lá o que disserem, não ha como os suburbios para uma bôa fresca! — commentar a "Esquerda" com seu Jerome, dar dois dedos de prosa com a comadre, perguntar pela entrevadinha, sempre da mesma maneira: — e como vae a titia? — porque era ella uma tia velhinha e paralitica, que seu Jerome abrigava e prodigalizava mudos cuidados. Mas, se elle era bom, era irreductivel a respeito dos politicos, "todos elles uns grandissimos piratas".

— Uma calamidade, meu compadre, é o que eu lhe digo, uma calamidade. Tudo perdido. Sim, perdido! Não tem que extranhar a expressão. Que é feito da dignidade? E da honestidade! Leia os jornaes, veja e me responda! Não ha mais brio, não ha mais nada! Uma caterva de ladrões! Só ladrões! E os politicos? Ah! ah! ah! Num paiz assim só Lampeão como presidente, Jerome, Lampeão, ouviu? Só Lampeão!

Parou vermelho e offegante. Vinha do morro, salpicado de casebres e de roupas a seccar, uma brisa ligeira que trazia a céga-réga duma ultima cigarra escondida no colorido vivo duma accacia imperial. Seu Jerome ria: êh! êh! êh! — risada pallida, quasi forçada, curta, êh! êh! êh!, afinal a sua risada. A cigarra parou. Diminuiu a brisa. Dois pombos domesticos pousaram no telhado. As meninas estavam prestando attenção ao rapaz que passava, de lá pra cá, no portão da avenida, fumando e lançando olhares furtivos.

— Para mim é o louro, com cara de allemão, que nos seguiu domingo até aqui quando sahiamos da "matinée" — falou baixo a Ninita, disfarçando.

— Será? fez a outra, duvidando. Qual o que. O outro tinha a cara chupada e não andava assim.

— E' porque você não prestou attenção.

— Se papae desconfia...

— Bôba.

O pae declamava a pouca vergonha na Recebedoria. — Pois não sabia? — Seu Jerome conhecia por alto a encrenca do Martins, o que fazia versos, desviando cerca de vinte contos. — Não sabe da missa a metade, meu caro! Eu sei, eu sei. Relatou, tim-tim por tim-tim, o caso do desfalque, os nomes dos compromettidos, as intrigas, as costas-quentes dos protegidos, o cynismo dos capachos negando tudo, negando tudo.

D. Véva chegou á janella, cabello cortado, grisalho e mal tratado, a falta de dentes abrindo-lhe no queixo curto uma ruga funda, impressionada, um tanto, com a demora da Judith que tinha ido á cidade levar uma encommenda de bordados. Só se madame Franco não estava em casa e ella ficou esperando...

Mãos nos bolsos da calça, abrindo no meio da calçadinha as pernas esguias e ossudas, seu Azevedo, dirigiu-se a ella:

— E nós é que soffremos. Nós!...

D. Véva se espantou. — Nós? Ora essa! Porque? ia perguntar. Mas seu Azevedo fechando a cara proseguiu:

— E' triste, muito triste... — e entrou a falar com abundancia, com odio, com rancor, do estado de cousas que os punha pequenos e pisados — pisados, sim senhora, é a expressão: pisados! — pelos grandes, sem esperança, sem opportunidades, sem direito a um destino, meros fantoches nas mãos hilares dos ousados e favorecidos.

— Bôa tarde, vizinhos. D. Pequetita, casadinha de novo, cumprimentou, apontando no alpendre, com sua caixa de costuras para, esperando o marido, aproveitar ainda mais um pouco a luz do sol que se ia.

Responderam, e seu Azevedo resumiu com indifferença, talvez com bondade, acariciando o bigode:

— Este mundo é uma bola, D. Véva. Este mundo é um circo...

D. Véva, esfolando os cotovellos na janella, não ouviu bem — a voz do seu Azevedo era rouca — e ficou, com vergonha de perguntar, sem saber se o mundo era uma bola ou se era um circulo. Então mudou de assumpto perguntando se D. Maria andava melhor do rheumatismo com a receita do espirita. Seu Azevedo tinha aquelle defeito: gostava de falar em doenças. Pegou no rheumatismo da mulher — até agora nada de melhoras, comadre, emfim... — e não parou mais.

— Sabe duma cousa? — arregalou os olhos de tal geito que a comadre foi obrigada a dizer alto que não. O Miranda, aquelle magro, que vinha sempre commigo no bonde, não se lembra?

— Magro?

— Sim, um que não largava o sobretudo, pae da Tudinha, uma menina muito acanhada, que vinha ás vezes brincar com a Ninita.

— Ah!

— Pois é. Não dura muito, o pobre, é o

Por MARQUES REBELLO

que lhe digo. Tome nota! Tambem... — balançava a cabeça tristissimo. E o Souza, conhece? Coitado!... Já não anda mais. Nem respira; dá uns arrancos, um um, u, — e imitava — que corta o coração da gente. A arterio-sclerose está adiantadissima. Foi o medico mesmo que me disse, muito em particular, está visto, me fiz de surpreso — Oh! — mas bem que eu estava vendo. Passa máos pedaços a filha, e elle só tem essa filha, que a mulher morreu na hespanhola, optima creatura, e que, doceira de mão cheia! Sozinha, imagine, e para tudo. E' uma abnegada! Nem calcula o carinho com que ella trata o pae. Sensibiliza.

Limpinhos, penteadinhos, os dois meninos da penultima casa — uma gente do Paraná — sahiram para brincar na porta.

— Cuidado, hein? E nada de carreiras — aconselhou a mãe.

Seu Azevedo deu um passo para o lado, desfranziu os beiços:

Mas para mim é um caso perdido, infelizmente. E' uma bella alma, o Souza!... E olha que é muito mais moço do que eu. Em 85... Em 85, não, minto. Espere... — batia com o indicador na bocca fechada como em signal de silencio. Em 86, quando eu estava morando com o Fagundes, o José Carlos Fagundes, você se lembra delle, ó Jerome?

— O risinho esboçado pelo Jerome era maldoso: — Se me lembro! Patife...

D. Véva nem ouvia. Padecia. Uma falta de ar, uma oppressão no peito, como um peso que cada vez fosse pesando mais, uma falta de vontade, o corpo dolorido ao se levantar e as veias inchando dia a dia.

Venosina era um sacrificio, um vidrinho com trinta pilulas, ella já contara, treze e quinhentos para quem quizer e que se ha de fazer se era preciso? Tomava-a só na hora do jantar para durar mais tempo. Era um recurso além das promessas fervorosas á Nossa Senhora do Perpetuo Soccorro pois tinha cinco crianças para criar. De vez em quando ficava pensando numa sorte grande providencial, comprava bilhetes na mão do seu Paschoal, que já vendeles muitas, sahiam brancos, se enchia de funlhetes na mão do seu Paschoal, que já vende-ra muitas, sahiam brancos, se enchia de fundas melancolias. Por que não tirava? perguntava a si propria, suspirando, batendo roupa no tanque, que o Alfredo com essa historia de foot-ball sujava calças que era um horror. Que terei eu feito a Deus para que elle não me ajude? pensava. Ah! se tivesse tirado!... Um final tão bonito, jacaré, que é o pae dos pobres... Não diria a ninguem, só ao Jerome, poria tudo no Caixa Economica rendendo, nem um tostão para ella; mas gosaria como se tivesse gasto todo: estaria garantido o futuro dos filhos. Já não lhe sentiriam tanto a falta se morresse, pois, assim o Jerome teria com que educal-os, pondo-os internos num bom collegio. Mas, nada. Fazia planos menores quando vinha o namorado da Juditinha, muito simples, muito bomzinho e impagavel, conversar, contar casos do escriptorio que matavam a namorada de tanto riso. Rogava a Deus, envolvendo-os num mesmo olhar, que ajudasse a elle no seu emprego, para poder ganhar mais e se casar logo. Não fazia mal que fosse tão crianças; elle era muito amoroso e muito esforçado, ella tinha bastante juizo, sem luxos, muito caseira.

E Juditinha tardando.

Sentia-se cheia de sustos. Teria acontecido alguma cousa? Esticava o pescoço na esperança de vel-a dobrar o portão. Fôra com o vestido vermelho de bolinhas. E' agora. E' agora. Nada. Só se madame Franco...

Seu Azevedo, falava ainda, virado para seu Jerome, dos soffrimentos do Mello, o bexigoso, proprietario na zona, que consultara todas as summidades sem que nenhuma lhe tivesse dado volta.

A trepadeira boa noite que se pendurava no muro, meio derrubado, abria a medo as singelas flores brancas. Já passara o "propheta", esqueletico e diligente, accendendo os lampeões a gaz, luz amortecida, amarella e silvante, onde mariposas pardas vinham morrer. Ali e acolá, no capinzal, que durante o dia era batido pelos mata-mosquitos a procura de fócos, brilhavam, por um instante, luzes azues de vagalumes e a Maria Heloisa a filha do dentista Guimarães, no piano, começava a tocar o "Pagão" para o noivo ouvir. Surgiu a lua.

—oOo—

Vozes abafadas se misturam, o cachorro late, raivoso, encarcerado no chuveiro, scintila no céo alto uma unica estrella e faz frio; vae pouco além de cinco horas e escurece, quasi noite tão cedo, que o inverno é chegado. Resmungando, o cocheiro, encartollado, a sobrecasaca coberta de nodoas, fustigou os animaes e o enterro partiu, entre o sussurro dos curiosos que se apinhavam no portão da villa, dois automoveis atraz acompanhando.

D. Véva não teve lagrimas para chorar. — Parece incrivel, meu Deus! — e atirou-se á tôa na cadeira austriaca, que rangeu, ficou como anesthesiada na sala estreita, de janellas cerradas, cheirando a flores e a cera, pensando no seu Jerome, que se fôra para sempre, tão bom, tão seu amigo, nos seus ultimos cuidados, a voz quasi imperceptivel, se extinguindo: Véva, cuida do montepio! — o montepio que deixára, cento e vinte e cinco mil reis, que o senhorio levaria todo, e ainda faltaria.

Quem poderia ajudal-a agora? A Anninhas, sua irmã, casada com o Dr. Graça, que estava tão bem? A Porcina que ficara viuva e sem filhos com a padaria que lhe rendia um dinheirão? Nem ao enterro tinham vindo. Nem simples flores mandaram para o cunhado que tanto lhes servira. Ah! meu Jerome!... Lá estava elle, a sorrir em cima do porta-bibelot, entre um anjinho de asa quebrada e um prato com cartões postaes se desbotando. Lá estava elle a sorrir, no retrato, junto della — que felizes! — no dia do casamento. Elle em pé, de preto, o bigode retorcido, a mão sobre o hombro della, sentada, um grande *bouquet* contra o peito, a saia branca, comprida, a lhe cobrir pudicamente os pés.

Seu Azevedo que dera, infatigavel, as providencias para o enterro — o homenzinho da Santa Casa tinha sido um grosseirão — e que mandara uma corôa de *biscuit* em nome das meninas e da mulher, de cama, coitada, com o choque, veiu consolal-a, a voz mais rouca, commovido:

— Que a vida, a senhora sabe, D. Véva, era aquillo mesmo. A questão era não fraquejar, ter coragem, ser forte. E sempre não o fôra? Ah! D. Véva, é doloroso, é muitissimo doloroso, D. Véva, é horrivel, eu sinto, póde crer — e batia no peito cavernoso palmadas surdas — mas é preciso ter coragem! A vida não se acaba pela morte dum soldado. A vida, não, a guerra. Guerra, luta, vida... — seu Azevedo se atrapalhou.

A paralytica, na sua cadeira de rodas, plantada no meio da cozinha — e estava se vendo da sala — saccudida pelos soluços, como um molambo esquecido, pensava com heroismo na tristeza do asylo, tendo um bolo de crianças, choramingando talvez sem saber por que, pen-

(Termina no fim do numero)

Jockey Club — Nio de Janeiro

O SANTO DE CURITYBA

POR DIDI CAILLET

NA Egreja silenciosa, perfumada pelo incenso e illuminada pelas pontas de fogo de innumeras velas, via-se perpassar como uma sombra que deslisasse o vulto esquivo de um santo velhinho: era *Monsenhor Celso Itiberê da Cunha*.

Nessa parochia consumira, quasi toda a vida, espalhando bençãos e graças do Senhor.

Immensa era a doçura no seu semblante quando abençoava os seus fieis, fazendo com a mão tremula, o signal de Christo, no ar.

E as suas palavras, os conselhos suaves, eram cheios de profunda sabedoria conciliante e generosa.

A sua voz era meiga; tinha os vagares, a velludosa tranquillidade de um sussurro.

Dir-se-ia que, cansado de falar á terra e aos homens, se dirigia agora ao Céo... e para falar-se aos Céos é preciso deixar cantar o coração, esse passaro medroso que trina dentro do peito... E que piedosos hymnos elle gorgeava!

A sua sombra carinhosa dirigia-se de um lado a outro do Templo espaçoso, sob as abobadas gothicas e dava á nave larga, ás galerias penumbrosas, uma palpitação de vida sobrenatural.

Quasi diriamos que era uma Imagem que tivesse num momento de tolerancia amavel, abandonado o seu esplendido altar e andasse pela Egreja esparzindo serenidade e esperança...

\+ + +

Passava o bom Velhinho, as ultimas horas da tarde no jardim que contorna a Cathedral de Curityba.

Entre todas as arvores que enfeitam esse recanto com o seu verde macio e puro, existia um cedro, cujo tronco heraldico acenava para o Céo como um emblema de dignidade e nobreza.

— Nessa sombra hospitaleira, sentado num banco rustico, sob os galhos solidos, costumava o padre ler o Evangelho, e talvez quantas vezes, no seu retiro espiritual, falar aos anjos e sonhar com o seu alto mundo, cheio de azas e de paz.

Esse céo tão bello que Monsenhor Celso, com tão entendido e grave amor, descrevia nos sermões com ingenua e terna emoção — elle ensinou a cinco gerações a amar e desejar...

— Era naquelle logar calmo e sereno como a sua alma, que elle escondia as suas horas de meditações, longe de todos e mais perto de Deus...

O cedro gigantesco enramava vigoroso e amplo.

Orgulho do chão privilegiado, era a sentinella da Cathedral, que suspendia nos braços toda uma colonia de pardaes.

Apenas uma tristeza toldou um dia a serenidade feliz do santo homem.

— Uma ordem superior para que o cedro fosse abatido. Questões municipaes...

Nos seus olhos de misericordia uma nuvem passou, e do fundo do seu coração subiu um clamor. Elle ha tantos annos o plantara e vira crescer, desde um raminho verde, depois um arbusto florescente e agora a mais bella arvore, a companheira de sua solidão, confidente dos seus silencios... ia desapparecer... Não vacillou. Rogou, requereu, pediu humildemente a vida para a arvore amiga. Queria, disse queria que o cedro vivesse mais algum tempo, que continuasse ainda a dar-lhe sombra, que lhe sobrevivesse ao menos...

A sua vontade foi satisfeita.

O cedro não deixou de espalhar á volta a sua sombra, talvez mais macia e a ella o padre recolhia com um alvoroço ingenuo — o maior pardal naquelle paiz de pardaes que sobre sua cabeça fremia e tatalava...

E a Vida continuava...

\+ + +

Numa noite fria e nevoenta de Julho de 1930, quando a lua, lá no céo faiscava como um disco de prata, Monsenhor Celso, sentiu que o fim se approximava.

Chamou os entes mais caros, acariciou mais uma vez o meigo rostinho de uma criança, o seu anjo mais bello da terra, e levantou os olhos ao Céo — olhos de resignação, de reconhecimento e de piedade.

Certamente ouvia a voz celeste chamal-o, a sua physionomia continuou calma, as suas pupillas finas suavemente, como se quizesse com aquelle longo olhar, descobrir, até o fim, as regiões da graça, que o seu espirito deslumbrado contemplava...

Vagarosamente abriu os labios, sussurrou uma palavra: — "Jesus" — beijou ainda o Crucifixo que lhe apresentavam — e morreu.

A sua alma devia ter subido nos braços dos anjos, para o Infinito...

Foi então que um temporal varreu Curityba, que chorava a morte do seu pastor...

— A tristeza era immensa, a Cathedral repleta de pessoas de todas as classes continha uma multidão compungida, a cidade em peso ansiosa por offerecer ao grande morto a homenagem final de uma prece.

Todas as mãos estavam postas, as orações subiam ennoveladas ao Senhor, embaladas pelos espiraes do incenso, o aroma das flores... e o povo orava...

— Lá fóra, a tempestade rugia.

Subito, com um relampago mais forte que cortou a noite negra se ouviu o choque de um corpo pesado, seguido de um éco lamentoso que rolou soturnamente nos espaços...

Era o cedro que tombara...

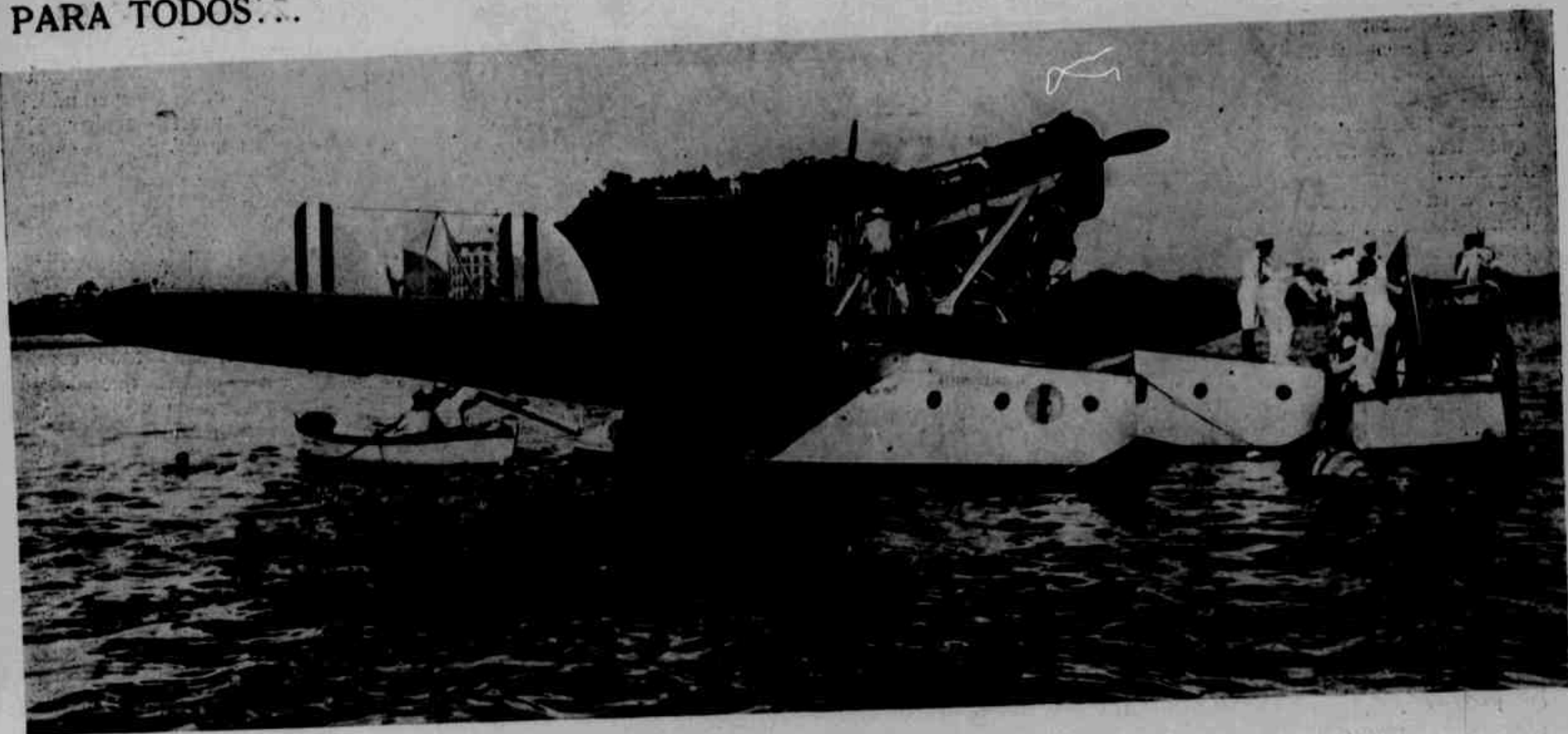
— Aquella arvore gigantesca que nos dias risonhos da vida, acariciara o retiro do santo, cahira como uma columna partida...

\+ + +

A queda da arvore sensibilizou todas as almas. A multidão surprehendida, comprehendeu o milagre, — o primeiro milagre do Santo de Curityba, cujo corpo ella ainda velava!

Foi o cedro transportado em braços religiosos, para a Cathedral, como corpo de homem. Molharam-no com agua-benta, todos os fieis com a mão tremula receberam um ramo da arvore que já era symbolo — da solidariedade da natureza com a virtude, da sensibilidade das cousas, da sua alliança com os homens...

\+ + +

O cedro... ainda vive, porém, entre as folhas amarellas e delicadas dos nossos livros de orações, concretizando o milagre inicial do querido e santo Velhinho, que lá no Paraiso, com o seu lento gesto habitual, ha de abençoar as ovelhas que aqui na terra deixou — o pastor exemplar — guardando a sua Imagem no coração cheio da mais pura saudade!

A chegada da esquadrilha aerea da Italia ao Rio de Janeiro

Instantaneos apanhados na enseada de Botafogo, quando os hydroplanos amerissavam e no Pavilhão de Regatas á subida do General Balbo e seus companheiros.

Positivamente esta rua é a felicidade asphaltada, illuminada, com lampeões discretissimos e conversas que não acabam nunca...

E' a rua pobre. Pobreza mediana. Resignada. Rua de bairro burguez. Mostruario sincero dos felizes que andam descalços, compram farinha na feira e nunca souberam allemão...

Desde manhã o barulho já é grande. Os tamancos marcam no cimento das calçadas um rythmo de trabalho honesto.

Com o dia clareando vae apparecendo tambem no meio amplo da rua o enxame da molecada. E' de repente. Parece que todos marcaram encontro. Não se sabe de onde vêm. Mas o futeból começa animadissimo, a bola dansando nos pés predestinados dos futuros heroes... De vez em quando vem um caminhão atrapalhar a brincadeira tão boa:

— Olha o carro, rapaz!...

E' assim que elles se chamam. "Rapaz". "Sujeito". Nomes graúdos que collaboram com o cigarro, o jogo da chapinha, a calça comprida dos domingos e outras coisas de gente grande. Pressa de chegar...

A's vezes dona Milóca apparece com a vara de marmello, desmoralizante.

— "Vae pra casa, demonio... Já pra casa!"

E ali mesmo, na luz do dia, acaba com o enthusiasmo do Zúca. O resto da molecada gosa — "Apanhando de mulher, seu fundo"... E ficam rindo do companheiro sem sorte até que chega o "Tintureiro", que leva pra policia os meninos sem o que fazer.

O "Tintureiro" vem espalhando um medo ruidoso, esvasiando a rua pra que as irmãs mais velhas, e mães, e primas, o mulherio todo commente o acontecimento.

— "Já viu o desaforo? Quem manda neste aqui sou eu, hêhê..."

Sua Alteza Real a Senhora Grande-Duqueza Carlota e o Principe João de Luxemburgo. A Grande-Duqueza fez annos hontem e os seus subditos residentes no Rio festejaram carinhosamente a data bem querida de todos os luxemburguenses.

A rua do bairro burguez

Dante Costa

Até Dona Milóca chega á janella com Zúca choroso e de crista cahida...

Ha um falatorio medonho. Ameaças. Gargalhadas. Braços gordurosos, mangas curtas,mãos callosas que vieram da cozinha ainda trazendo a colher de páo do feijão preto que dá sustança...

Depois vae morrendo a agitação. As velhas entram. O feijão volta pro fogo. Mas ainda ficam as mocinhas de vestido de chita e brancura falsa nos sonhos...

— "E o Alberto, você viu como elle ia?... Da pontinha..."

— "O Botafogo tirou ou não tirou o campeonato?"

— "Ora... Porque o Fluminense bamba não quiz. Botafogo é sôpa. E' pinto..."

E ficam nessa pasmaceira, saltando de assumpto em assumpto com uma serenidade que espanta, uma serenidade preguiçosa de quem não trabalha...

Mas a roupa está lá dentro esperando. E' preciso acabar. E as meninas desmancham a palestra e vão enxaguar o vestido da missa.

Nem agora a rua burgueza consegue ficar sózinha. Nem ao meio dia. Nem á tarde com todo esse sol quente que derrete o pixe e dá essa molleza gostosa, tropicalissima, logarcommum pra explicação da palermice brasileira...

Em occasião nenhuma ha o deserto na rua pobre. Millionaria de gente. Batem sempre uns chinelos sem meias, batem uns cachorros sem distincção, gritam uns moleques empinando papagaios, ás vezes até uns passarinhos piam nas arvores daquelle jardim sem graça.

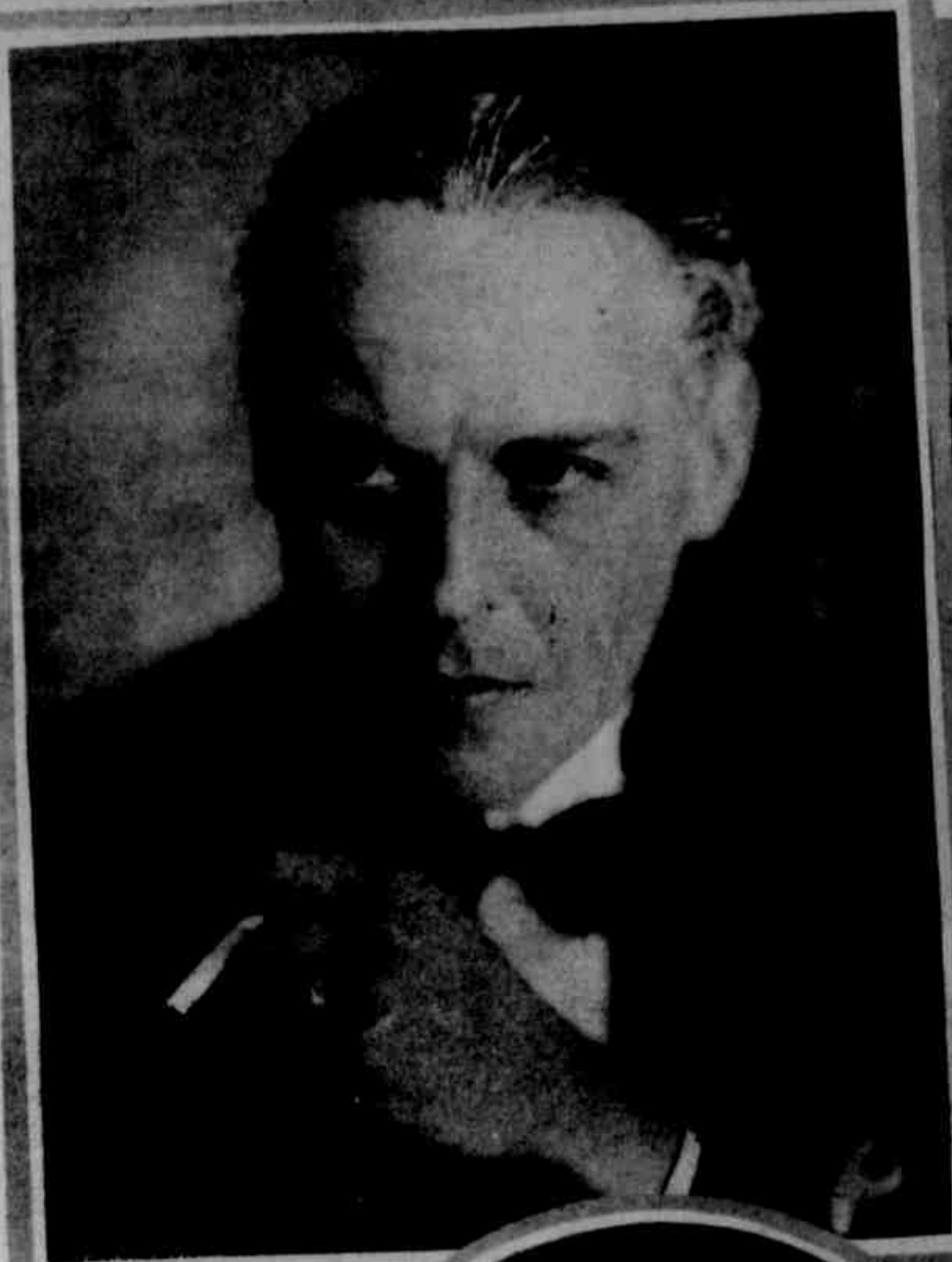
Com a noite que chega, mais e mais movimento. Os postes de illuminação piscam atrapalhados com o barulho que zune na calçada. A luz cahe timidamente. Mas grita o sorveteiro de tres tostões, guincha uma cigarra perdida por ahi, anda no ar uma inquietação que incommoda. Formigueiro de gente. Fervilhamento.

Os moradores vêm pras portas e pros passeios cheios de uma paciencia molhada de bocejos, caminhando de uma esquina á outra, a mesma cadencia no passo, o mesmo enjôo disfarçado do amor-de-toda-a-noite...

O senhor Macedo, do 91, trepa na motocycletta vermelha, a mulher enche o "side-car" com os oitenta kilos seus e dos filhinhos abençoados...

Uns rapazes se sentaram em cadeiras no meio da calçada. Sem paletó. Chinelos domesticos. E as palestras começam, illustradas com gargalhadas lindas do autor da anecdota...

Alguns gramophones millenarios põem uma nota de hysterismo na noite recatada.

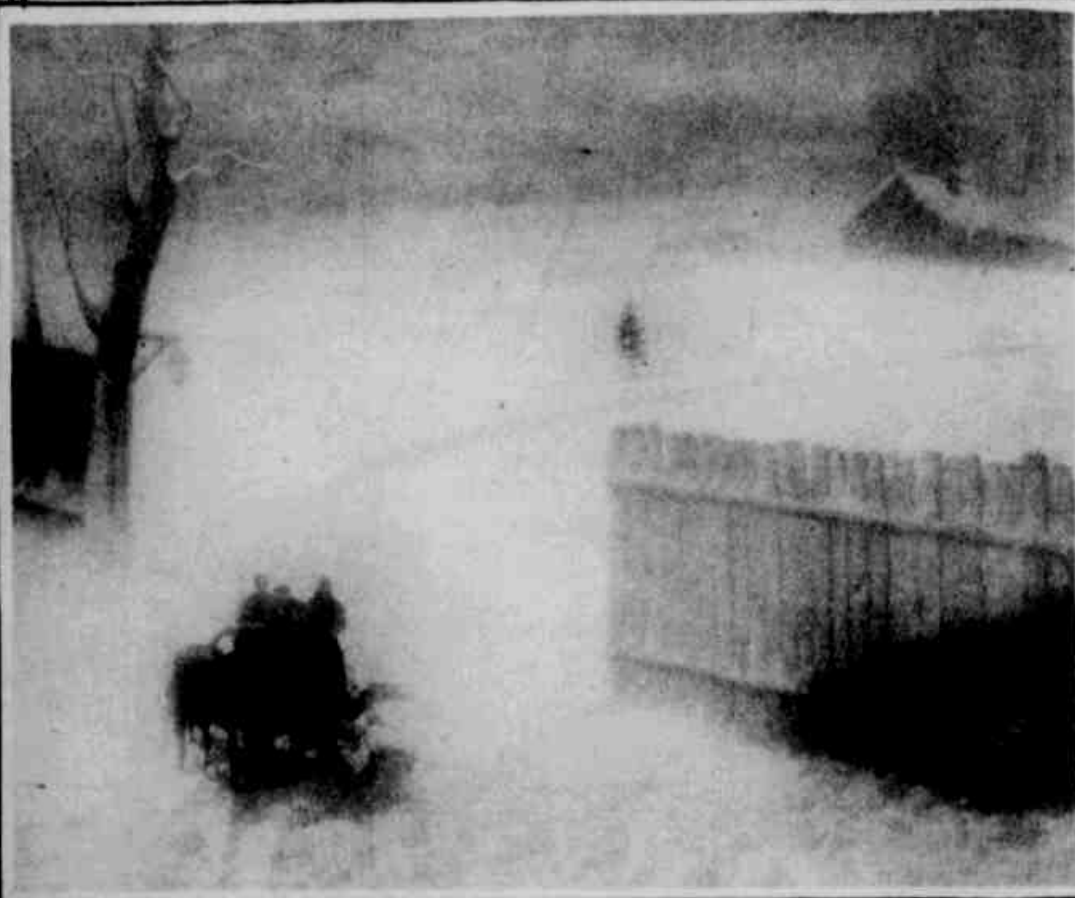
(*Continúa no fim do numero*).

ROLPH GERTH

BERTEL SLENIER

OUTRA POSE DE ROLPH GERTH

OTTO THIEME

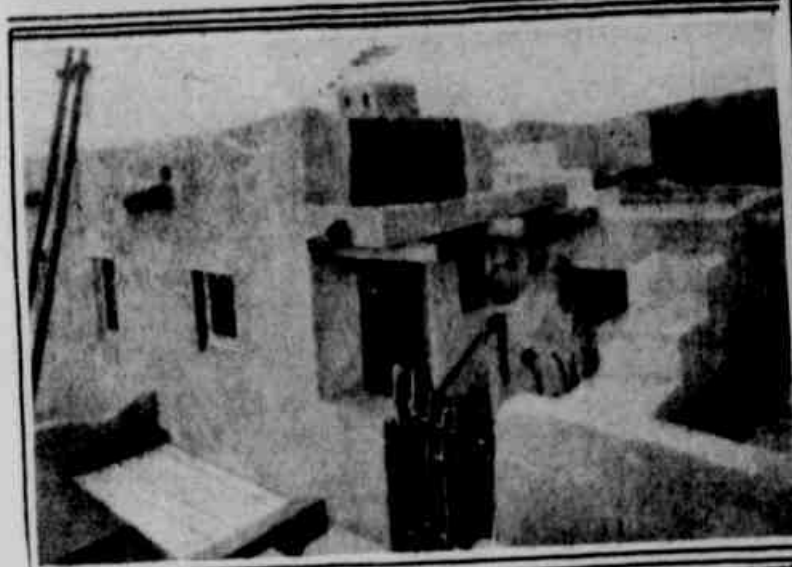
Companhia Dramatica Allemã no Theatro Lyrico

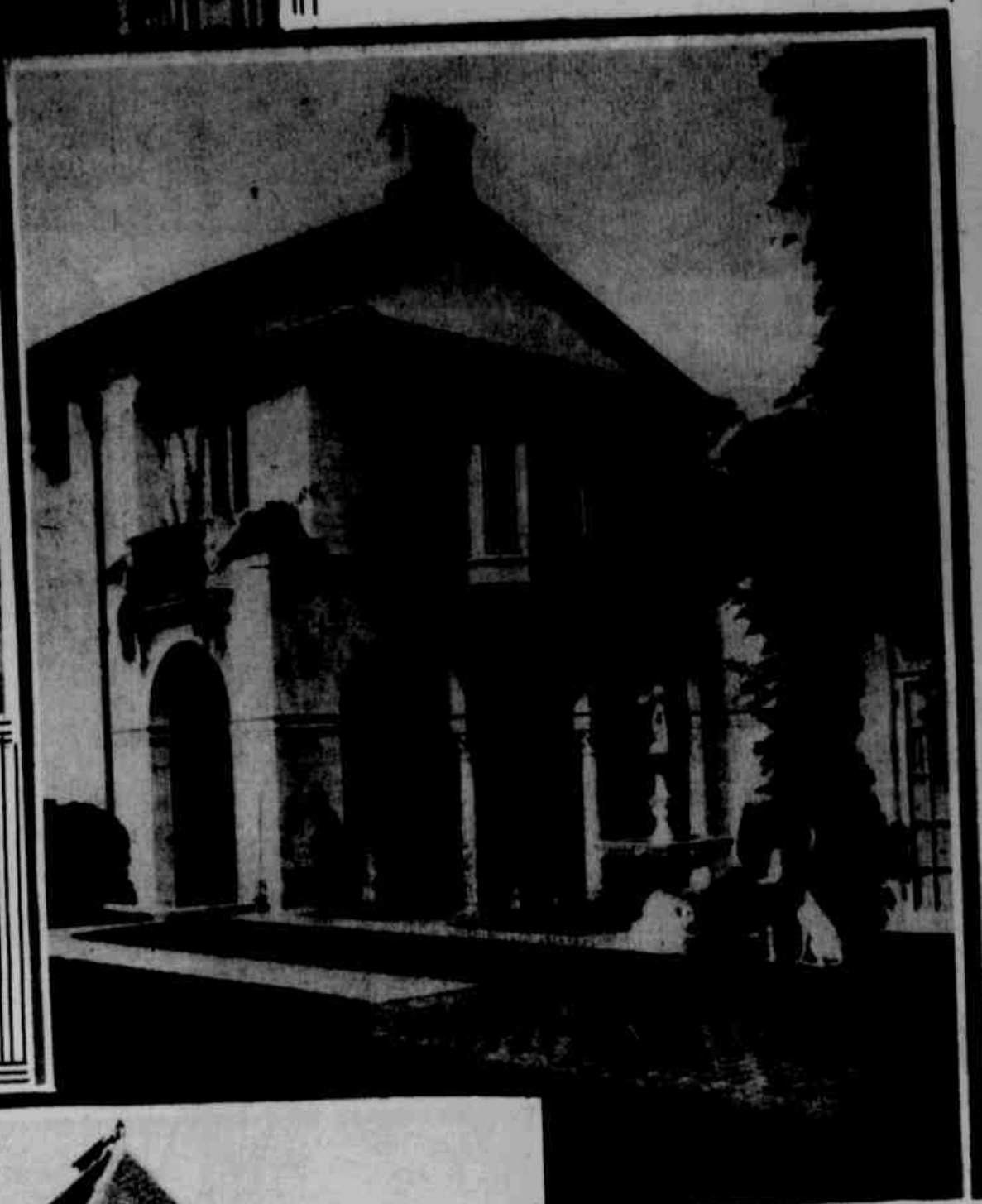
CINEMA

GRETA GARBO

CHARLES CHAPLIN

Scena do film "Corações no Exilio"

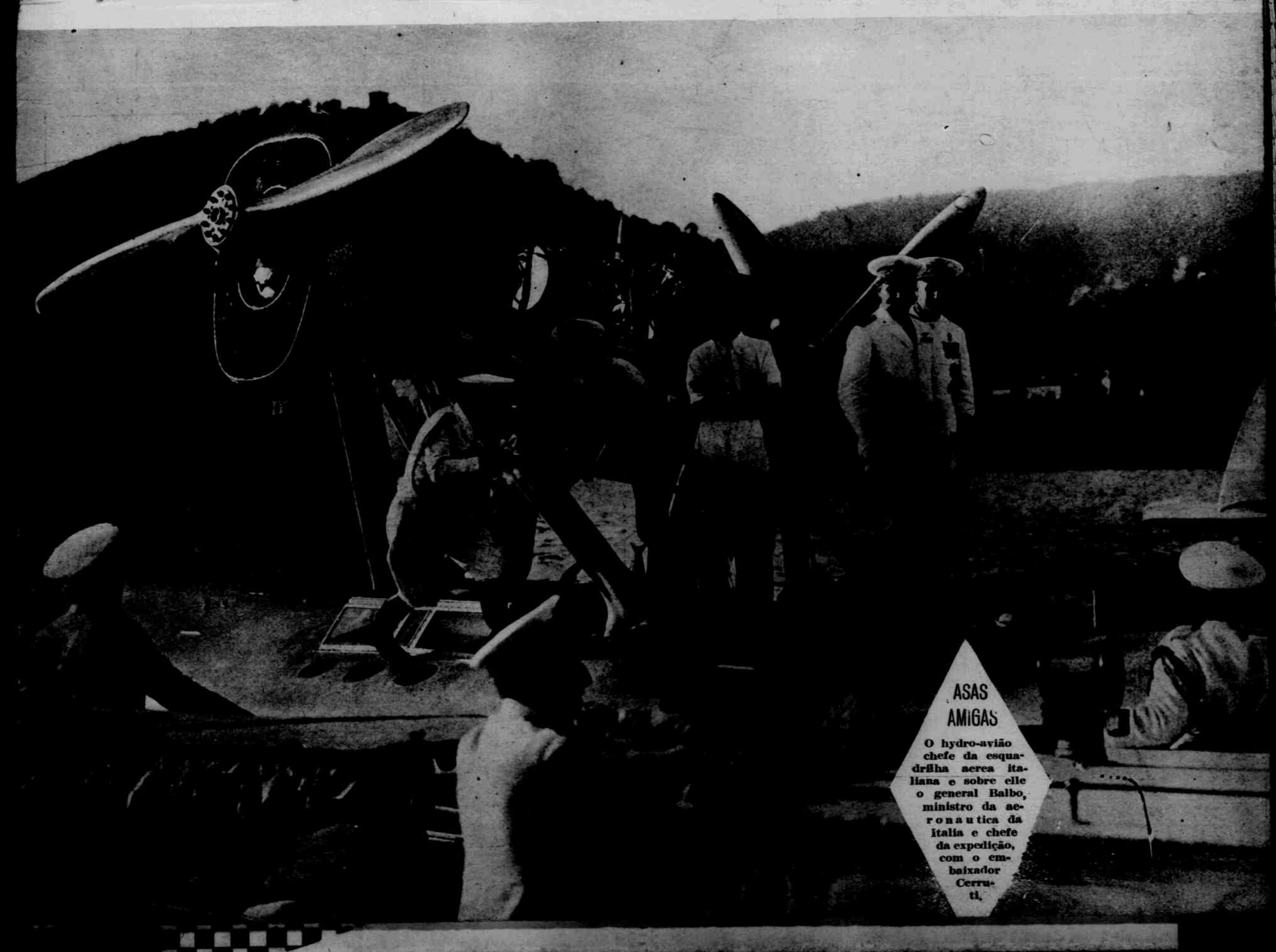
TYPOS DE CASAS

ESTYLO INGLEZ

ESTYLO MODERNO

Houve um estrangeiro que chamou ao Rio um phenomeno de architectura. Isso foi no tempo do mestre de obras, antes de 1920. Depois os bairros novos tiraram o ar monstruoso da cidade. E a cidade, em vez de phenomeno, ficou sendo uma exposição de architectura.

ESTYLO ITALIANO

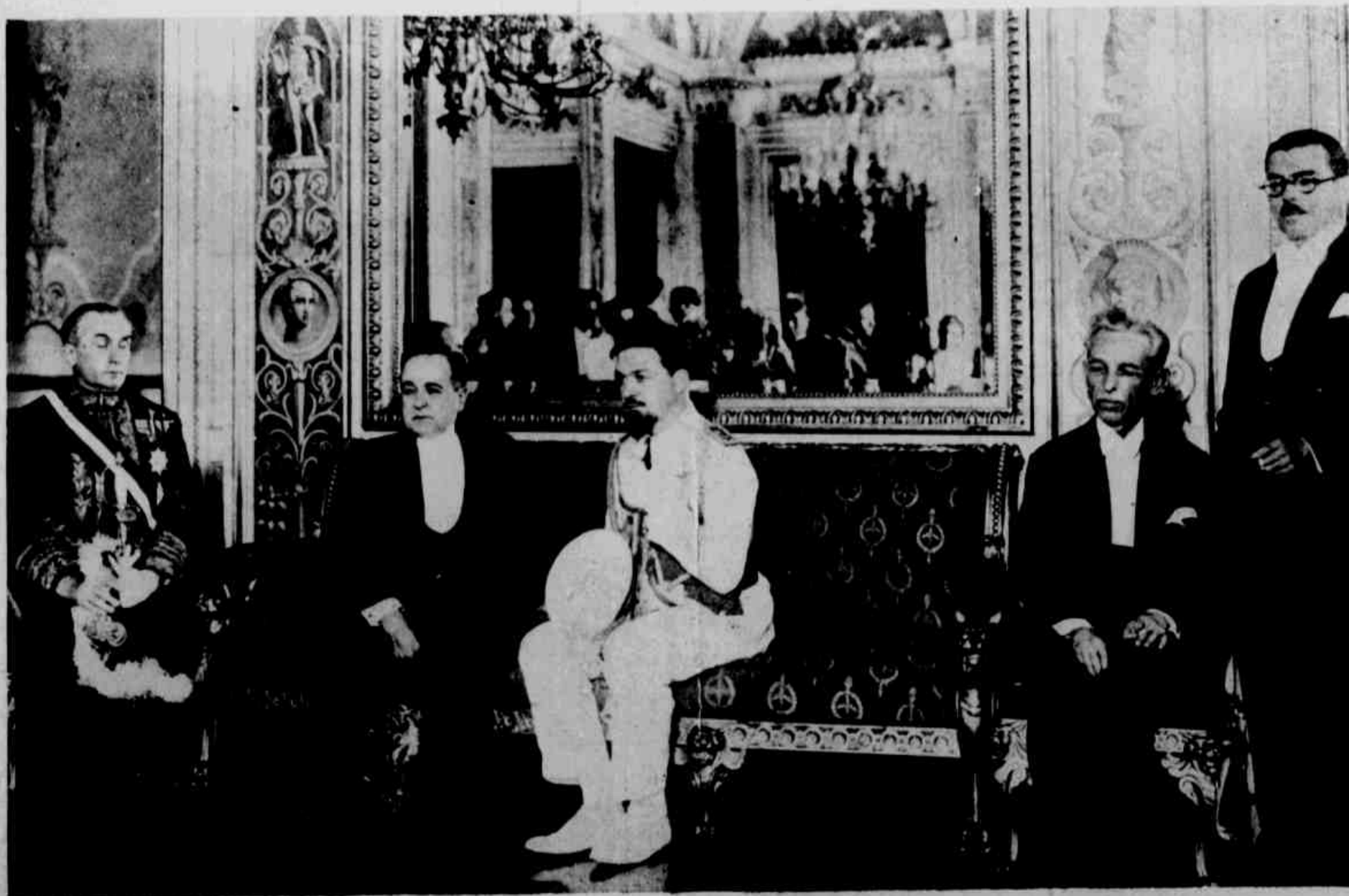
Aqui estão alguns modelos de moradas bonitas. Misturadas com o colonial destas bandas ellas enfeitarão a terra de São Sebastião.

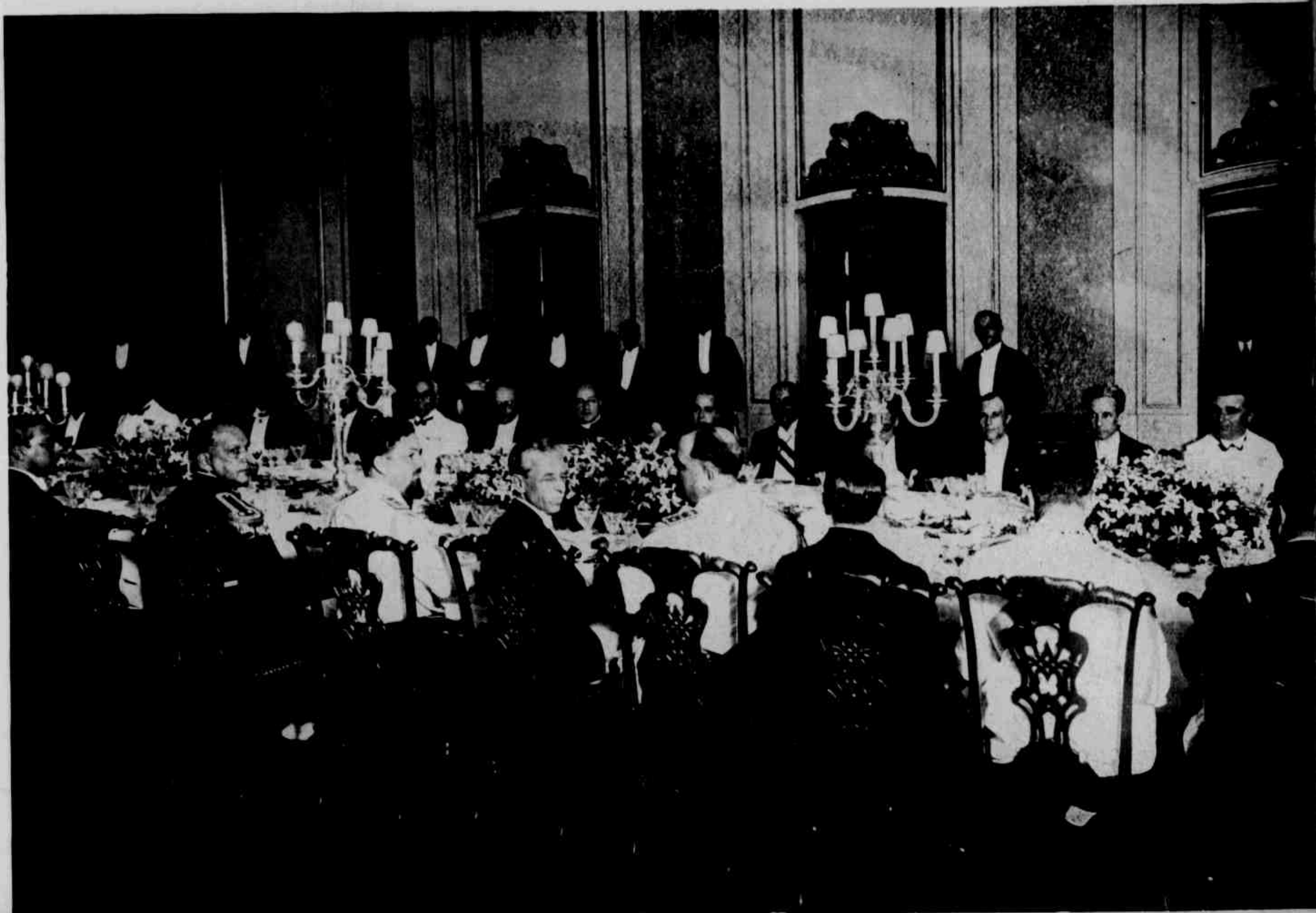
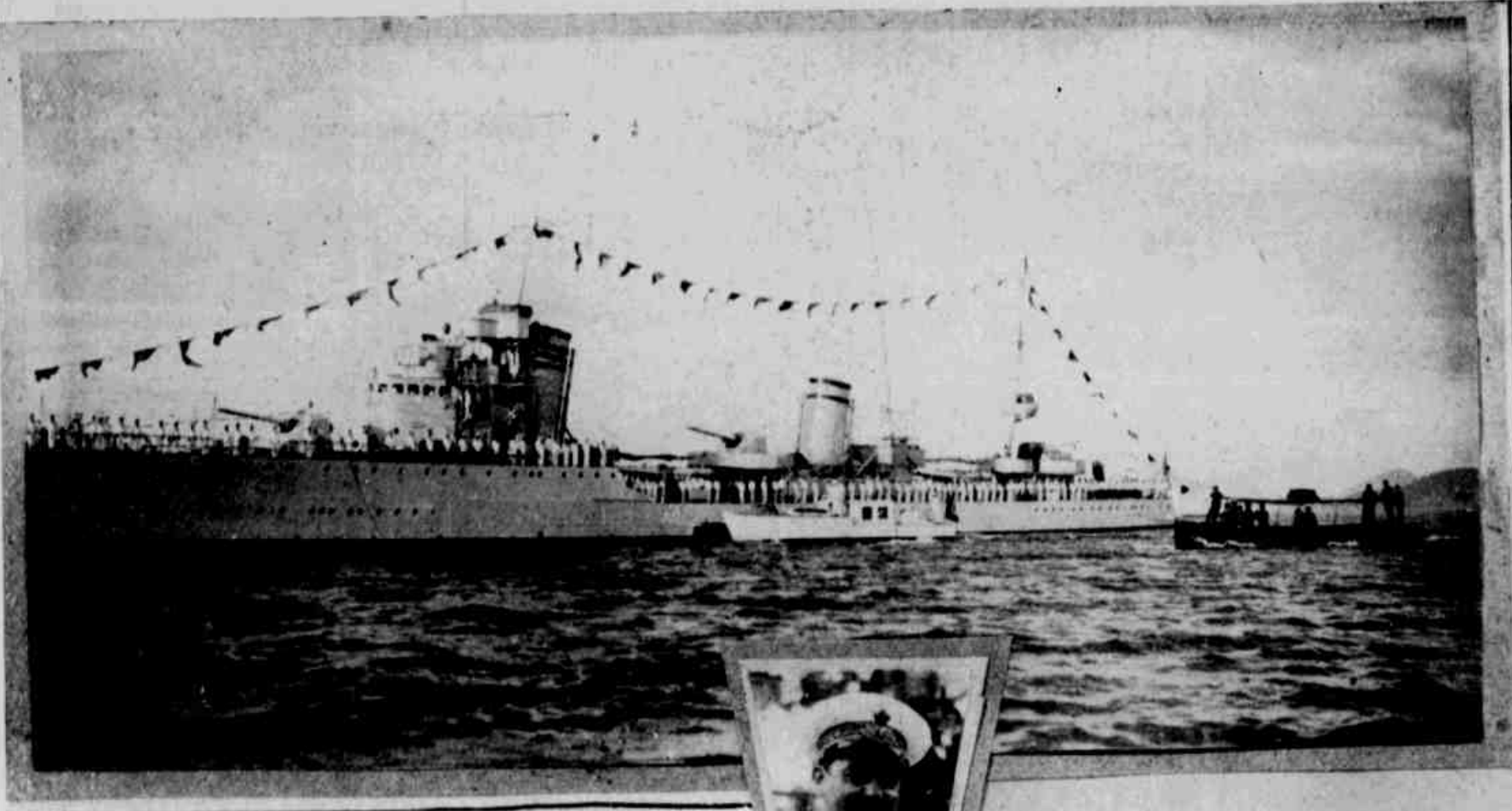
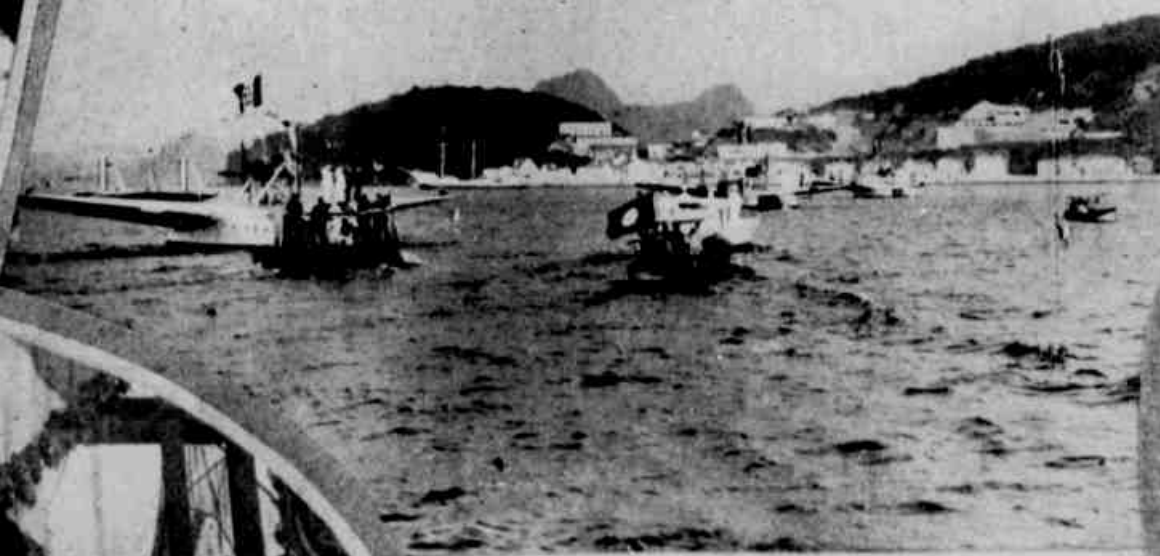
ESTYLO ANGLO NORMANDO

A VALORISAÇÃO DA CARNE
Um raio de esperança illuminou talvez o nosso theatro. Elle que vivia ás moscas, victima da concurrencia desleal...
13
15
17
que lhe faziam as praias de banho onde o povo tinha de graça a grande apotheose da carne.
THEATRO
BILHETERIA
HOJE
ESPE
Mas o Luzardo ...
Agora, – oh ! coroneis do littoral !
o theatro é o remedio.

ASAS AMIGAS

O hydro-avião chefe da esquadrilha aerea italiana e sobre elle o general Balbo, ministro da aeronautica da Italia e chefe da expedição, com o embaixador Cerruti,

ITALIA

O General Balbo com o Senhor Embaixador da Italia e o seu Estado Maior, em visita ao Chefe do Governo do Brasil. Em baixo, o Chefe da Esquadrilha Aerea com o Presidente Getulio Vargas, o Embaixador Cerrutti, os Ministros Afranio de Mello Franco e Francisco Campos.

Homenagem do Fascio do Rio ao General Balbo. Em baixo: aspecto do banquete offerecido ao Ministro da Aeronautica da Italia pelo Ministro das Relações Exteriores do Brasil, no Palacio Itamaraty, com a presença do Presidente Getulio Vargas.

BRASIL

Os cruzadores italianos, embandeirados, sabbado, 17, durante a revista passada pelo Presidente Getulio Vargas.

Os hydro-aviões no dia da revista.

O sorriso do General Balbo

O Cardeal D. Sebastião Leme, o General Italo Balbo, o embaixador Vittorio Cerrutti, depois do lançamento e benção da pedra fundamental da "Casa degli italiani".

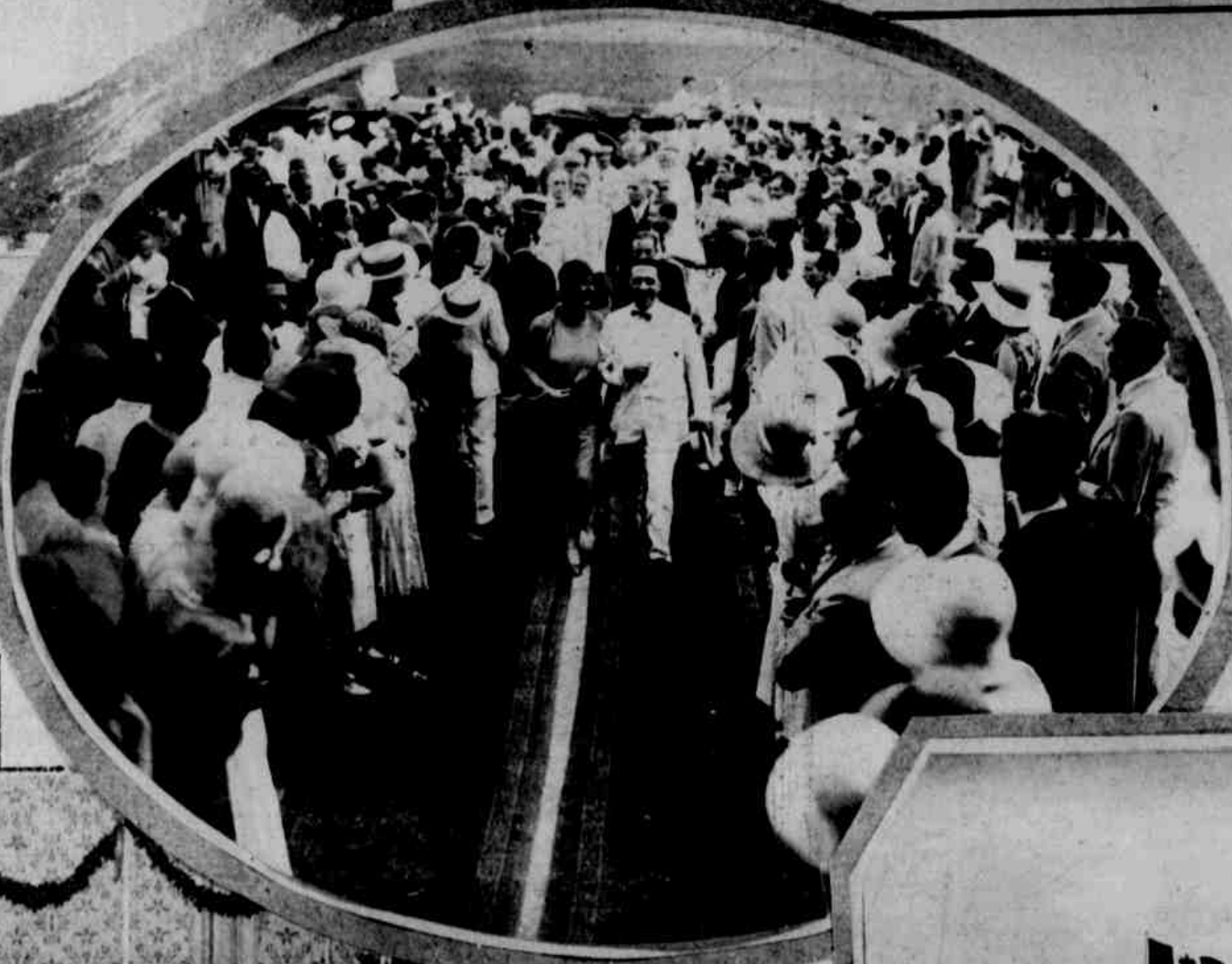
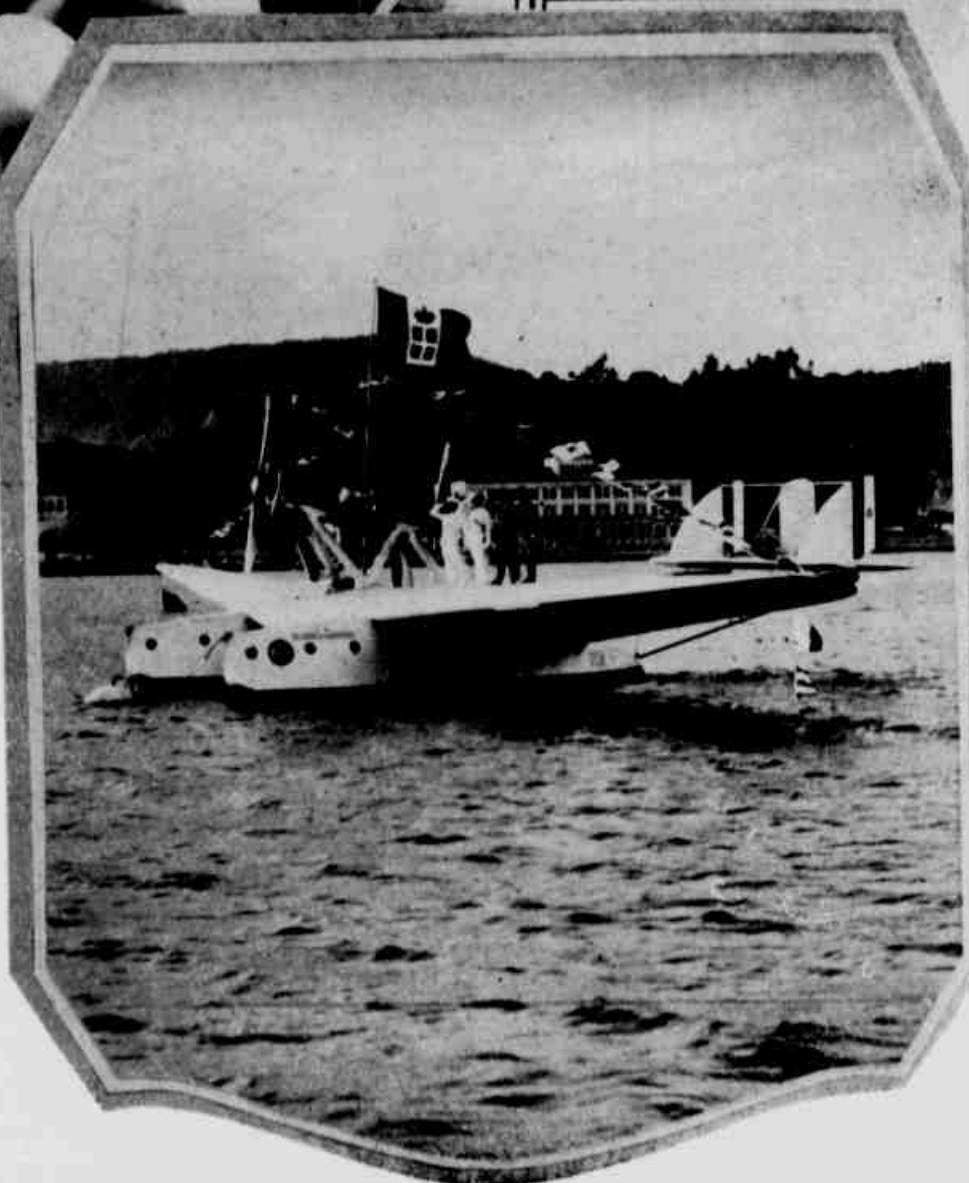
Recepção no Fascio

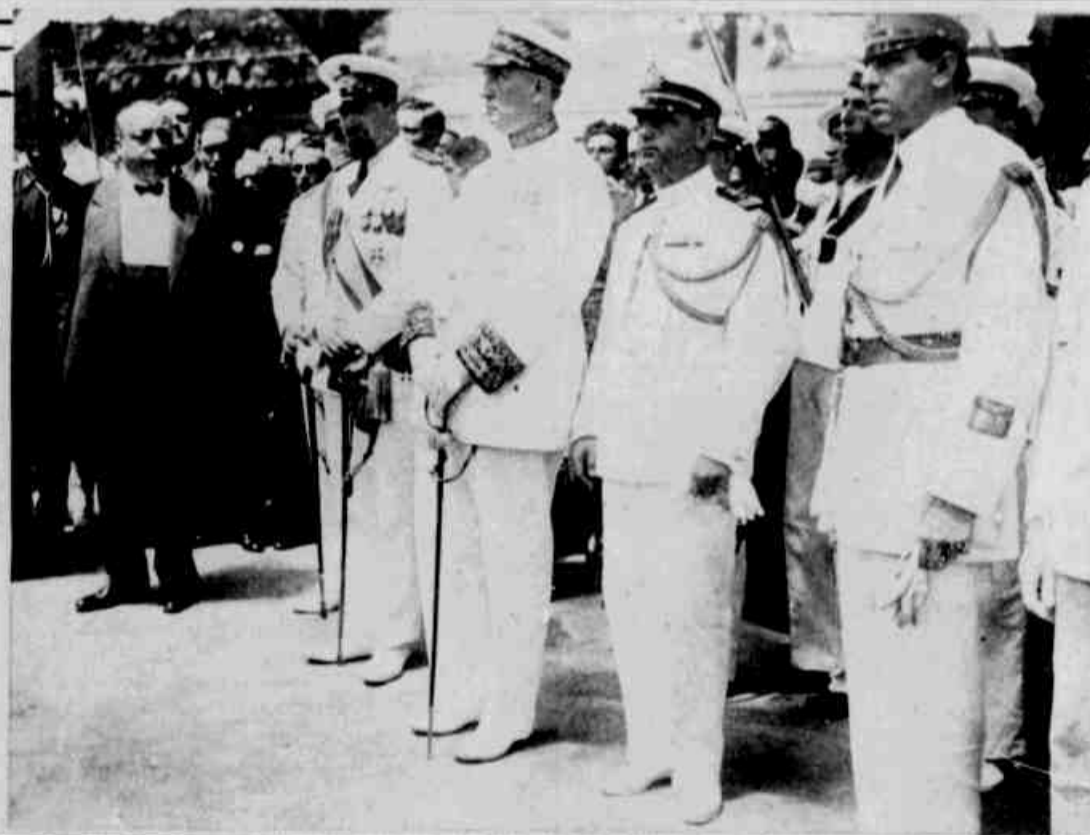
BRASIL IA

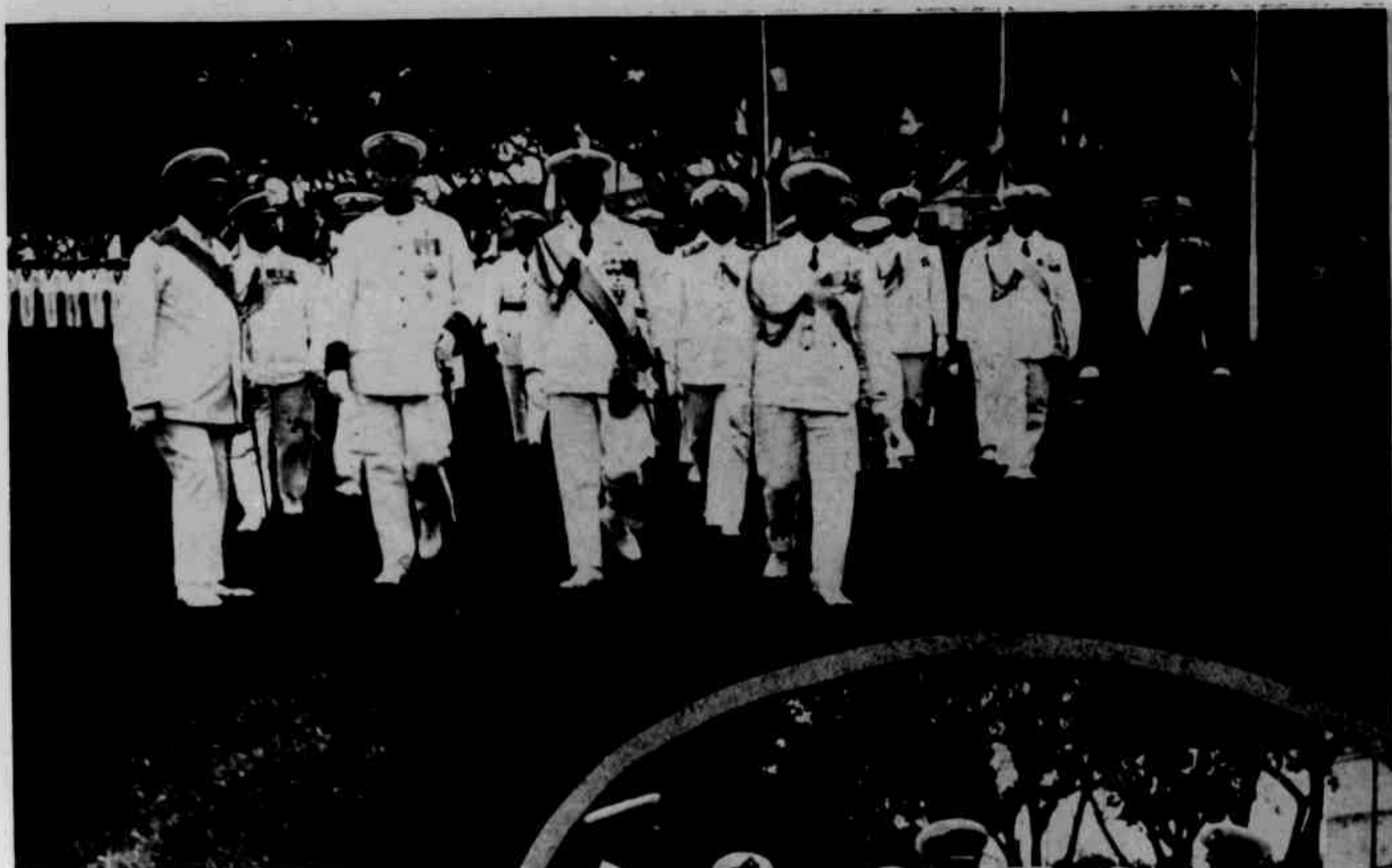
...ia da

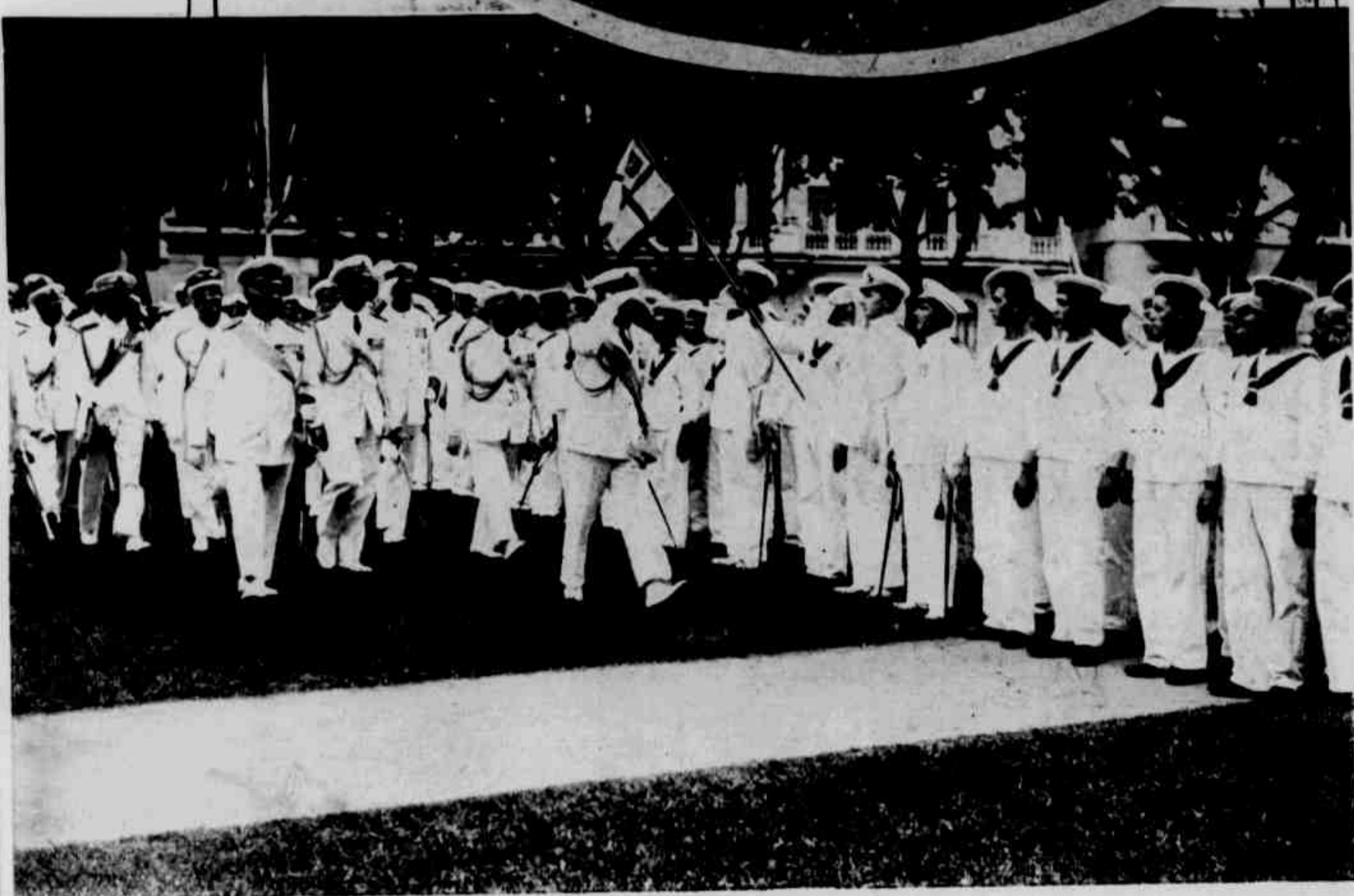
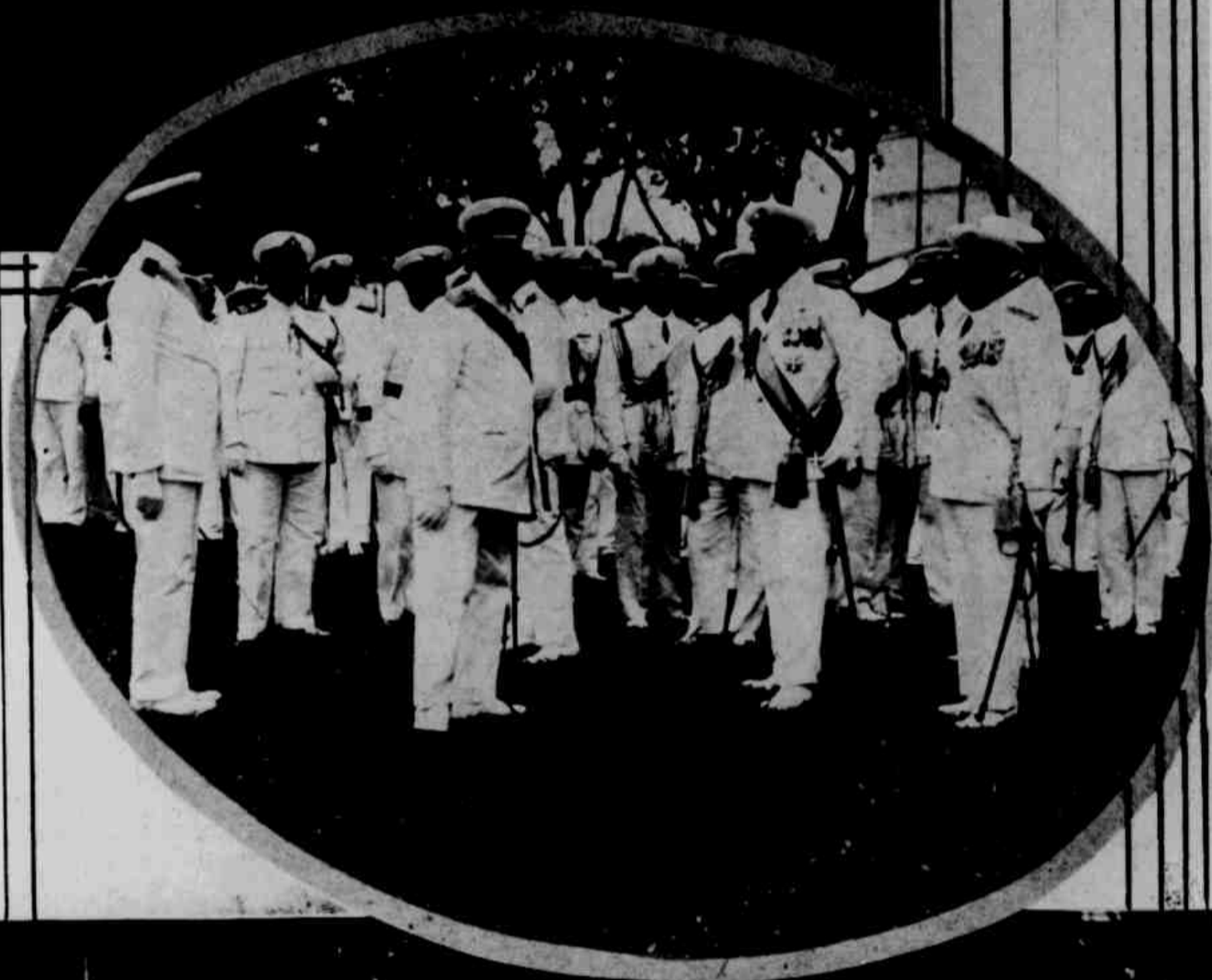
... Balbo

Antes do banquete na Embaixada Italiana.

No Jockey Club: chegada do General Balbo e seus companheiros para assistirem ás carreiras de domingo passado.

Um dos lindos hydro-aviões que a gente trocou por café

FALANDO PARA O MUNDO INTEIRO

O General Balbo deante do microphone no dia da chegada ao Rio disse: "O escopo deste cruzeiro era trazer ao Brasil a saudação da Italia Fascista e tambem trazer aos italianos aqui domiciliados a saudação da Patria longinqua que os não esquece. Mas, temos ainda um outro escopo: a affirmação da aeronautica italiana porque podemos provar que a Italia é o paiz que mais se dedica ao desenvolvimento e progresso das communicações aereas".

NA EMBAIXADA DA ITALIA

Em continencia ao Soldado Desconhecido. Homenagem a Del Prete

Marinheiros e Aviadores Italianos

Na praia do Russell, quando o general Balbo passou revista ás guarnições dos cruzadores e hydro-aviões.

TE-DEUM EM ACÇÃO DE GRAÇAS PELA FELICIDADE DO "RAID"

Na egreja de São Francisco de Paula, durante a bella cerimonia assistida pela General Balbo e seus companheiros, o Embaixador Cerrutti, fascistas, senhoras e senhoritas da Colonia italiana.

VISITAS

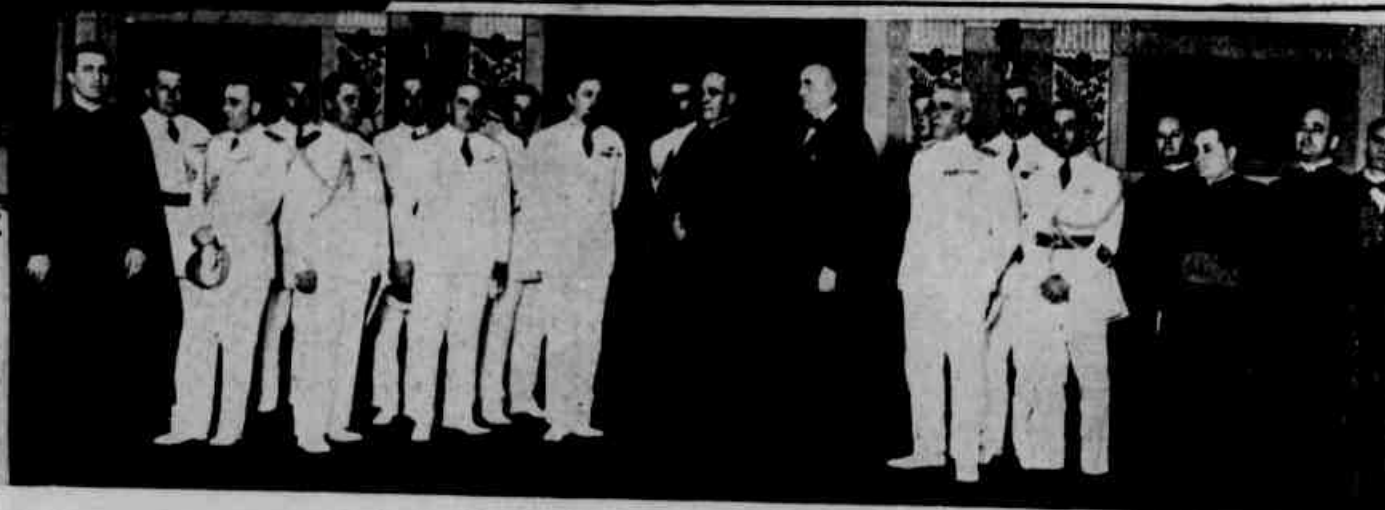
O General Balbo no Ministerio da Guerra

No Ministerio do Exterior

Com o Cardeal D. Leme

Os "Tarrafeiros", quadro com o qual Cadmo Fausto obteve o Premio de Viagem, o anno passado.

CADMO FAUSTO

POR TAPAJÓS GOMES

O DESTINO das coisas, como o destino dos homens, como é curioso!

A dois passos do Largo da Carioca, no começo daquella subida que fica na encosta do Morro de Santo Antonio, ao alto de uma grande muralha de arrimo, toda de pedra, um amplo e quasi bonito edificio, lá de cima, espia o panorama que lhe fica em frente, atravez de uma porção de janellas largas, pelas quaes penetra, sabia e fresca, a viração que sopra da barra.

E' o antigo hospital da Policia Militar, que, depois de um memoravel processo de desapropriação, foi cahir nas mãos da Companhia Santa Fé, cessionaria dos melhoramentos do Morro de Santo Antonio.

As duas alas principaes eram occupadas por duas grandes enfermarias, onde se recolhiam os doentes que os quarteis da rua Evaristo da Veiga mandavam com maior ou menor frequencia.

Terminado o processo de desapropriação, foi o hospital desoccupado e entregue, mas isso mesmo depois da parte vencida haver depredado o edificio, inconscientemente, num assomo de revolta por ter perdido a causa...

Fixando-se na parte central do predio, a Companhia Santa Fé não quiz ali ficar sózinha e acabou por ceder toda a sua ala esquerda para que nella installassem os seus "ateliers" tres pintores: Armando Vianna, Roberto Niaud e Cadmo Fausto. Assim, no mesmo logar onde, até ha pouco, se alinhavam leitos de doentes, hoje se encontram planchetas, cavalletes, telas e esboços. No mesmo logar onde antes a Parca espreitava os doentes recolhidos á enfermaria, agora Minerva preside e orienta o trabalho de Fausto, Vianna e Niaud. No mesmo logar outróra um tristissimo silencio protegia aquelles que ali estavam a penar, hoje, uma alegria moça e communicativa anima o espirito irrequieto daquelles tres grandes sonhadores.

De onde antigamente sahiam muitas vezes ataudes tristes e negros, para a sombra fria dos cyprestes, sahem hoje, a cada passo telas e quadros encantadores, rumo de um destino imprevisto, que tanto póde ser o de uma galeria particular como o de uma pinacotheca official, e que tanto póde dar aos seus autores o conforto moral de uma medalha, como a compensação de um premio em dinheiro ou como a surpresa de um Premio de Viagem.

Aquellas janellas que viviam semi-cerradas, para escurecer o ambiente, agora vivem escancaradas, para que o ar penetre, bemfazejo, e a luz inunde abundantemente as tres officinas.

Oude outróra repousava o organismo combalido de um enfermo, pousa agora a carne palpitante e fresca dos modelos, que o pincel dos artistas passa para as telas. Emfim, aquella enfermaria taciturna é agora uma grande sala tagarella. Ali ninguem mais chora, porque todos têm a alma aberta para a alegria promissora da vida. Ao inve z dos cerebros que definhava m, antigamente naquellas s alas, palpitam ali agora cere bros que fremem e que pr oduzem, espiritos que anseiam e que se eternizam, sorrindo, em obras de arte!

Pensei em tudo isso quando penetrei o ambiente jovial daquelles tres "ateliers", no dia em que Cadmo Fausto me levou até á officina de onde sahiram os "Tarrafeiros", para nunca mais voltar.

Sim! o destino desse quadro foi o mais glorioso possivel. Quando sahiu do "atelier", sahiu para nunca mais voltar, como voltaram outros, com os quaes o artista vinha disputando o premio ambicionado. O destino, amavel desta vez, já havia tudo preparado: para os "Farrapeiros", a pinacotheca da Escola, para Cadmo Fausto, o Premio de Viagem de 1930.

— Ahi está um quadro que, naturalmente não lhe despertará saudades...

— E por que não? Por acaso não é, como os outros, um fragmento de minh'alma, um bocado de mim mesmo?

Cadmo Fausto sente-se feliz. O seu desejo era viajar, para poder aperfeiçoar-se.

— O meu ideal — affirmou — é estudar, estuda sempre, para fazer alguma coisa na carreira que abracei.

O artista é sincero!

Sente-se que elle não pensa em Paris, pensando nos "cabarets". Elle pensa nos museus, nas Academias e exposições. "Estudar, estudar sempre". Pensa na viagem com enthusiasmo, porque, por ella e depois de alguns annos de luta, poderá ir á Europa, ver os grandes mestres atravez das telas celebres. "Estudar sempre". A idéa vem-lhe á mente á cada instante, como uma carinhosa compensação para toda a luta já passada.

— Parece um sonho!

— Um verdadeiro sonho!

— Que o enche de emoção.

— Sim, da maior emoção da minha vida de artista!

Muito moço ainda, Fausto é, por isso mesmo, um sonhador, que nada teme. Se lhe falo na "crise" de indifferença do publico, elle enche-me os ouvidos com o enthusiasmo risonho do seu optimismo:

— O gosto pela arte... E' uma questão de educação, questão de insistencia. Tenho uma fé inquebrantavel no futuro. Exactamente quando a vida de hoje a todos e a tudo absorve pelo seu caracter utilitario, sinto e vejo que a reacção principia. O futuro da minha arte? Não o temo! Está-se trabalhando, está-se reagindo, está-se intensificando a propaganda todos os dias. E os resultados começam a ser apreciados animadoramente. O nosso Salão vivia abandonado pelo publico. Hoje já tem um movimento promissor. Já se adquirem quadros, já se mantêm polemicas em torno da arte e dos artistas. Porventura, isso não significará que o gosto pelas bellas-artes se vae alastrando?

— E haverá vantagem nisso?

— Se ha vantagem? Como não, se é pela arte que se avalia o grão de cultura de um povo?

Effectivamente, o artista tem razão. E' um enthusiasta, um moço e um crente. Crê na sua arte e no seu futuro. Crê, mais, que a arte esteja sempre na razão directa do grão de cultura de um povo... Um sceptico poderia objectar que, precisamente os povos mais cultos são as que não conseguem libertar-se da idéa da guerra... E isso, apesar de toda a sua cultura! Haja vista a França, a Italia, a Allemanha e a Inglaterra. A cultura maxima dominada pelo pensamento da selvageria extrema... Civilização... e guerra...

Fausto sorri...

— Em todo caso — objectei — divulgamos a arte. Ella será sempre a doce consolação de todos nós que amamos a belleza, sob qualquer dos seus infinitos aspectos.

— Sim, divulguemos a arte. Tudo que se fizer nesse sentido, nunca será demais. Divulguemos a arte, pela imprensa, pelas conferencias, pelas palestras literarias, por continuas exposições. Chamemos o publico de todas as maneiras. Elle é accessivel. E, como o bom gosto se educa facilmente, o publico irá sendo educado sem disso se aperceber. Divulguemos a arte. Nós, artistas, vocês, jornalistas, todos, emfim, trabalhemos com afinco. Que cada um seja um illuminado nessa obra benemerita de catechização.

— Acha que o nosso publico seja capaz de corresponder a esse appello?

— Sem duvida! Basta, para isso, que os nossos artistas queiram trabalhar nesse sentido.

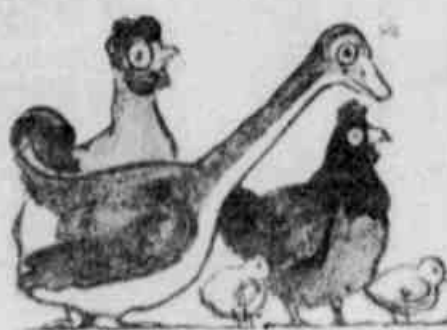
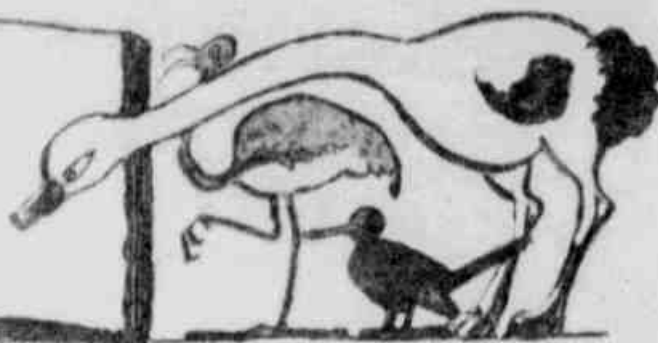
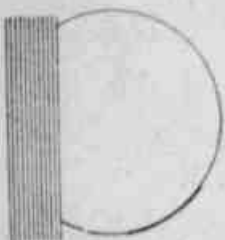
(Termina no fim do numero).

UM
CASAMENTO
QUE
MOBILISOU
A
CIDADE

A multidão, principalmente de senhoras e senhoritas, aguardando os noivos, Nair Tavora-Juarez Tavora, em frente e no interior da Matriz de São Francisco Xavier.

NAIR TAVORA — JUAREZ TAVORA

Depois da cerimonia religiosa. A sahida da igreja. Os noivos deante do altar.

Por G. de la Fouchardiére

Ensaio sobre as aves

Desenhos de G. G. Roussan

ESDE a construcção do mundo que as aves se dividem em aves que vôam e aves que não vôam. As aves que não vôam são: avestruz, o pato de Ruffec, o capão de Maus, os ibis empalhados e as pequenas gallinhas que ainda mammam na mãe. As aves que vôam se subdividem em monoplanos, biplanos e hydro-aviões. Entre os monoplanos, citemos a andorinha, a gaivota e o pombo. Entre os biplanos, a cacatua, o pardal e a pega (que vôa e faz vôarem até os talheres de prata). Emfim, os hydro-aviões são o cysne, o pica-peixe e o pato vulgar

Segundo as aptidões as aves se dividem em aves uteis e aves inuteis. As aves inuteis são: os abutres barbados, as corujas, os mochos, as syndáctylas, os horteões, as aguias marinhas. Esta enumeração é tirada de um texto official: uma ordem datada de 3 de Maio de 1844 e que, todos os annos, o senhor chefe de policia manda affixar nas paredes da Cidade de Paris no momento em que, nos outros departamentos (nos departamentos do campo) preparam-se para a aberturas das caçadas. As aves uteis são as que não estão comprehendidas na enumeração limitada de 3 de Maio de 1844. As aves uteis se subdividem em aves cruas e aves cozidas. As aves cozidas se subdividem ainda em azas, pontas de aza, coxas, quartos moelas, mitras.

Entre as aves comestiveis, o perdigoto figura em logar de destaque, no outono, em todos os **menus** de castello. O faisão, principalmente como modelo nos quadros que pendem das paredes das salas de jantar, executados por amadores: esses quadros de caça representam sempre o faisão numa attitude acrobatica e paradoxal, suspenso por

uma pata, a cabeça para baixo e, sob ella, um prato contendo duas cebolas e os tres quartos de uma maçã.

Dentro do pato, encontra-se, pelo Natal, excellentes castanhas.

Na barriga da gallinha, acontece, mas raramente, encontrarem-se truffas.

As aves consagradas á consummação nem todas são comiveis: o papagaio bebe-se e a pega-panthera (passaro esquecido pela ordem de 3 de Maio de 1844) fuma-se...

O rouxinol é muito util como collaborador de certas aves nocturnas, chamadas grimpadoras ou arrombadoras, pelas **entradas** difficeis que na sua qualidade de musico emerito elle execúta de maneira brilhante.

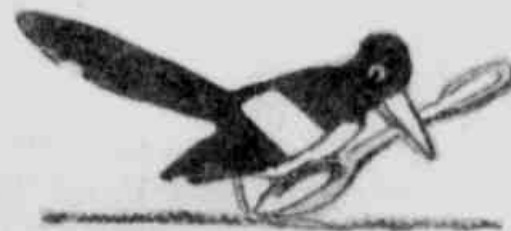
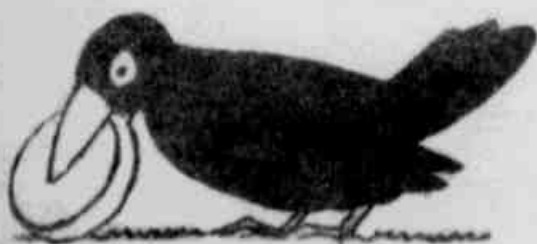
O ganso é muito util no jogo da politica internacional, jogo regenerado pelos Gregos... O ganso foi um precioso auxiliar dos Romanos por occasião do sitio do Capitolio; depois dessa façanha, elle conservou um ar de arrogancia, uma maneira de andar desdenhosa, insuportavel para as pessoas que são obrigadas a frequental-o, no campo.

O joven canario é muito procurado nos salões pela sua plumagem, o corvo, por seu queijo.

Mas é sobretudo na poesia que as aves são necessarias. Os poetas fazem uma formidavel despesa de aves.

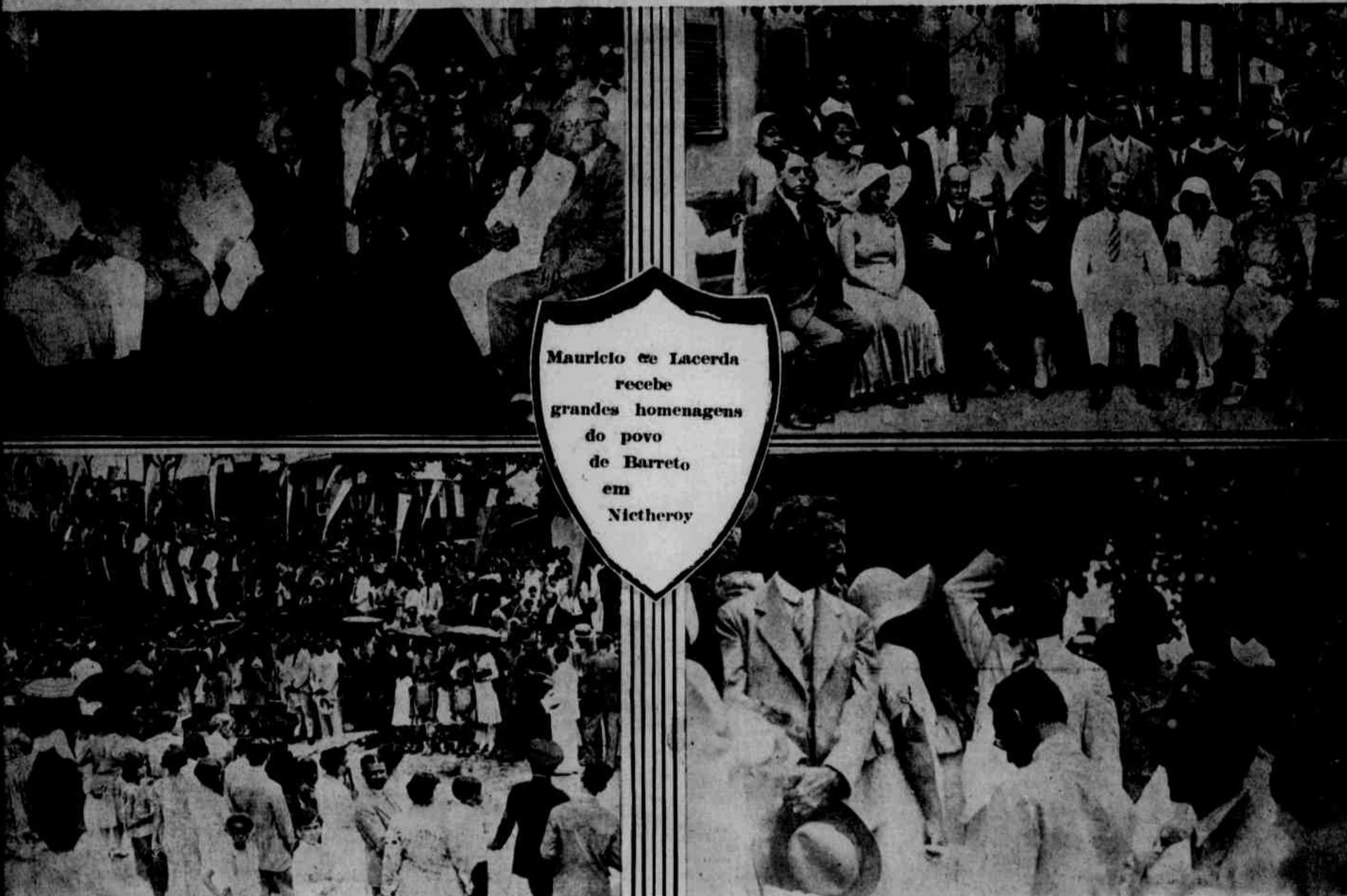
Alfredo de Musset acommodou o pelicano de maneira capaz de fazer corar Ugolino e Saturno, que, ao contrario, devoravam os filhos.

Lamartine cantou o cysne, Victor Hugo, a aguia e Rostand, o filho da aguia..., embora se tenha occupado mais do gallo. Verlaine estrangulou um numero incrivel de papagaios. Quanto aos outros rimadores, nunca puderam alinhar dez versos sem citar: "o passaro escondido na folhagem", o "canto alegre da cotovia", "cantor alado da primavera", "vôo agil da andorinha" ou, os mais letrados, "o passaro amado por Minerva"... Coruja!

E' a profissão que exige isso. Como diz o meu amigo Privas, as chiméras são passaros que se escondem na imaginação..., e Pégaso, o cavallo de azas, é uma ave singular.

Em S. Paulo

Inauguração do primeiro monumento a Ruy Barbosa no Brasil, iniciativa dos estudantes do grande Estado. Está no parque Anhangabahú.

Em Minas Geraes

No Club Barbacena, quando foi a festa em homenagem ao Dr. José Bonifacio Filho, novo Prefeito de Barbacena.

Mauricio de Lacerda recebe grandes homenagens do povo de Barreto em Nictheroy

Em cima, á esquerda: antes do banquete offerecido por um grupo de amigos na residencia do Cel. Francisco Lima, vendo-se, além do homenageado, o Dr. Plinio Casado, Interventor Federal, Dr. Cezar Tinoco, Dr. Vicente de Moraes, Dr. Olympio de Carvalho, chefe de Policia e Dr. Oldemar Pacheco. A' direita: outro grupo feito depois do banquete. Em baixo: aspecto da missa em acção de graças, realizada na Gruta N. S. de Lourdes, da Matriz de São Sebastião do Barreto, em Nictheroy. E o Dr. Mauricio de Lacerda, quando falava á população de Barreto.

Tarde Brasileira dos Diarios Associados

No Automovel Club: a mesa da Senhora Getulio Vargas. Ao lado, em pé, o Sr. Assis Chateaubriand, director d'"O Jornal". Em baixo: a mesa dos Srs. Ministro da Viação, Chefe de Policia e Dr. Gilberto Amado.

MANHECIA e ahi...

— Diga ao Zéca que apromptе o bote grande. O navio fica muito fora. A maré é de vasante.

Eram ordens do coronel Manuel Pedreiras, para receber o filho Mario que vinha do Recife com o seu quarto anno de direito.

E a familia pôz-se, em prazenteira arrumação, até alta noite.

A criadagem sob o direcção serena e severa da mãe do estudante, depennava gallinhas, pellava suinos, batia bolos que seriam assados na branda temperatura de um forno collocado num angulo da cozinha.

Preparadas as iguarias e estafados da lufa-lufa festiva, todos dormiram.

* * *

Um distanciado e extenso apito, reboou, bem cedo, na pequena e plana povoação de Mariá.

Despertaram. E as roupas mais luxuosas foram vestidas.

Seguiram na silenciosa e fria manhã pelos caminhos abandonados para a beira do rio, o coronel e o seu genro Alfredo.

Um vento, quasi parado, de sudoeste, batia-lhe nos rostos ao se approximarem da agua salgada que num estirão caminhava até ao oceano. Mangues que lá para os fins se uniam, em verdes abraços, não deixavam descoberta a orla marinha, ouvindo-se porém, na serenidade nocturna o ruido das ondas, como a cantar sobre o somno da cidade.

Os bancos de areia, de pouco a pouco, interceptavam o canal, e o pratico de olhadas firmes nas balisas das varas tremulas, mandava, de momento a momento, dar de bordo, bombordo, voltando, mesmo, o barco sobre a proa. E, não podendo mais avançar, parou.

De um trapiche lastrado de carnaúbeiras, largou o escaler em direcção ao vapor.

Na longa estirada sentia-se o rythmo dos remos quando elles se baixavam e erguiam pelos pulsos treinados dos tripulantes.

Passaram, então, o viajante para a pequena embarcação e voltaram.

* * *

Mario teve o agasalho do lar satisfeito. Ia recuperar, nessas regiões de quietude, os mezes de troças, sonhos, leituras e receio das reprovações.

Elle era alto, magro, grave, de espirito leve e subtil ironia.

Terminadas as impressões das ferias, encontrava-se isolado e saudoso da Faculdade, dos amigos e da namorada a qual contemplava do alto, o phosphorescente Capiberibe e estendia o pensamento aos longinquos sertões que, talvez, estivessem chovidos e fortalecendo seu amado e futuro bacharel.

Elle cheio de monotonia, vagava naquelles sitios desertos contando o tempo que faltava ao regresso da vida estudantina, onde numa innocente bohemia trabalham o coração e, em poucos mezes, o cerebro.

* * *

Com a alma em displicencia da terra e da gente, Mario recolhia-se, semanas inteiras, ao largo salão da casa paterna e passava a ler e a recordar-se dos estudos de direito criminal, aquelle que mais o attrahiu pela empolgante diversidade das doutrinas.

E fixando a attenção nas theorias lidas e relidas no seu pequeno quarto de **republica**, vinha-lhe a de Carrara e Beccaria que attribue ás pessoas o livre arbitrio dos seus actos. Mau por vontade, perverso por querer, salvo a loucura, toldando a consciencia, é esta a opinião que tem como mestres os dois geniaes criminalistas.

A intelligencia de Mario, ainda sem observação, sem alta cultura, melhor assimilou a primeira escola lançada ao mundo que teve o prestigio e a validade de impor ás legislações a humanisação das penas. E della foi que partiu a moderna criminologia:

O academico estudando, sempre, esses autores, só admittia o crime, como a resultante de um impulsivo desequilibrio.

O assassino torna-se insensato na destruição da sua victima. Com a lucidez de toda mentalidade, com o equilibrio dos sentidos, o homem não praticará o mal. Não ha a sombra do remorso porque não existiu a firmeza do juizo quando a intenção foi pensada e executada. Suas imagens estão, de tal modo, obscuras que nem o brilho do sol as faz clarear.

Eram principios pelos quaes se batia, com vibração e vaidade, entre os companheiros que o ouviam e o refutavam, numa intellectual algazarra e sempre em trajes menores.

Bradava, de mãos espalmadas para cima, que só um demente poderia delinquir.

E com a sua convicção discutia nas rodas intimas dos cafés, nos largos e baixos corredores da academia, onde era melhor impugnada pelos collegas que o enfrentavam com as modernas lições de Lombroso, Ferri, Garofalo. Outros, ainda, formando uma seita, lembravam-lhe, crentes, a sociologia de Tarde.

* * *

— Então, Mario, você não acredita, — dizia-lhe Aluizio Pimenta, seu condiscipulo — que o individuo seja determinado pelas causas physicas e sociaes, como, sabiamente, discutiram e provaram os chefes dos novos methodos, synthetisando-os, com uma limpida, persuasiva e brilhante genialidade, o grande Ferri!

— Não. E' um desequilibrado! Desfeita a sua integridade psychica, elle não é mais que um bloco a rolar na inconsciencia de seus actos.

— Ah! meu caro, momentos existem em que nós temos a certeza da culpa e para a mesma somos impellidos. A razão é uma luz a nos guiar para o bem e o desejo a nos desviar e a arrastar a propria luz nas trevas, levando-nos á infelicidade e, ás vezes, ao mais sublime prazer. O delicto passional, dá-nos a prova de que a idéa anthropologica, da qual foi magno Lombroso, firma-se na verdade scientifica. O sujeito anniquila no espelho de seu proprio raciocinio o que elle considera a sua maior virtude. Chega a matar o ente querido reconhecendo depois o seu erro como aquelle uxoricida que passou com a amiga depois della morta e nua 3 dias no quarto e que dissera no interrogatorio: "matei aquelle anjo por a não fazer feliz e agora quero morrer porque desappareceu minha doce esposa". Casos identicos são encontrados nos annaes da justiça. O instincto é mais forte e mais poderoso que a nossa perfeita personalidade. Você, mesmo, o demonstra, quando em arrufos com Elvira. Protesta não vel-a mais e, assim que o sol vae recolhendo-se, começa, então, a vestir-se tão frenetico que o nosso conforto e as nossas palestras nem sequer o detêm. E, se não fôra a escada, daria você um pulo, comprovando, assim, a irresistibilidade do impeto mais poderoso: o do amor.

Elle deu uma risada, a qual se desdobrou com a dos outros num metallico conjunto.

Ainda pairavam no ar os écos da gargalhada, quando Mario furando com o dedo indicador o infinito que se estendida para além das janellas e vibrante como um orthodoxo em defesa do seu systema contradictado, disse: — "quer vocês queiram quer não, mesmo sem o hodierno auxilio das indagações naturaes e da psychologia, a doutrina de Carrara será sempre a verdadeira".

— Não diga isso. Os factos e as descobertas dos actuaes investigadores trazem, diariamente, ás claras, typos degenerados com a exhibição de caracter anatomicos.

— O proprio Tarde, que vocês louvam como um dos maiores pela erudição e melhor pela logica, nega esses traços de anormalidades, em sendo a revelaçao mathematica da degenerescencia. Não se conhece o culpado, diz elle pelos estygmas faciaes. O molde physico quem o dá é o **habitat** e, ás vezes, a profissão. E mostra para certeza disso, os marinheiros que, pelo ambiente e a luta, differem dos que trabalham em outros officios.

— Gabriel Tarde, — aparteou-o Octavio Garcia — de quem sou admirador, é um erudito de gabinete, um grande theorico. Quando o leio, dá-me, com o seu talento, a impressão de um assiduo trabalhador, a viajar pelas alturas, sem baixar nunca á realidade. A sua dialectica é tão fascinante, que, ao estudal-a, nos arrebata, mas que se extingue na analyse commum das coisas.

— Assim, não sei qual delles deverá merecer os nossos applausos e nos ensinar o rumo do saber.

Dizia Mario, avançando até ao parapeito, na occasião em que chegara o tenue e triste lusco-fusco.

— Ferri, meu velho, Ferri, o Deus da criminologia que conseguiu numa forma clara e attrahente formular conceitos e secundal-os com a observação irrefutavel os exemplos.

Falou com enthusiasmo e segurança, Aluizio Pimenta.

— No emtanto, é elle quem affirma num livro celebre que Macbeth é criminoso nato, quando está verificado, por eminentes criminologistas que é um louco com allucinações periodicas.

— Loucos somos nós — continuou Octavio — que, absorvidos pelo crepusculo, não vimos nossas pequenas que nos esperam debruçadas nos varandins, de rostos empoados e labios em carmim, para a volupia dos beijos.

* * *

Deitado numa espreguiçadeira, posta no amplo terraço da sua vivenda, com os braços em cima do espaldar, cabelleira revolta, Mario olhava a rua, onde passava um peixeiro a gritar: "garoupa fresca".

E lá para o céo, urubús voavam a contrastar, com os seus corpos negros, a pureza do firmamento.

E nessa dolorosa situação, vinham-lhe com nitidez, á lembrança, aquelles dialogos que tivera sobre a criminalidade. E sorrindo dentro da melancolia em que estava, deliberou, então, visitar, numa daquellas tardes, os presos do seu torrão natal.

* * *

Sabbado, seu dia predilecto, vestiu-se de cinzento claro, chapéo côco e bengala, a qual batendo no chão, auxiliava-lhe a fortaleza e a elegancia das longas passadas. E, assim, marchou em direcção á cadeia, levando comsigo um pouco de instrucção, e qualquer orgulho, não pela sabedoria, porém pela posição social de bacharelando.

* * *

Um casarão, quasi quadrangular, de dois pavimentos, ficava numa praça, sobre alta e larga calçada. Em frente, erguia-se branca e altaneira, sómente de uma torre, que guardava o sino, a velha e adorada matriz da villa. Nos fundos, corria, ondulosamente com o seu fluxo e refluxo a maré. Lá, na outra ribanceira um renque de florestas sobre o escuro rodapé do lamaçal, parecia a entrada para a abobada celeste.

Nesse predio antigo, porém, ainda conservado en-

(Termina no fim do numero)

DE ELEGANCIA

TANTO calor. Será preferivel ficar em casa? Isto é tão raro que a propria idéa me espanta. A mulher moderna cuida, ao par dos vestidos de rua e de recepção, dos de casa, embora pare pouco no "home". São "déshabillés" bonitos, luxuosos, e uma infinidade de pyjamas. Um "deshabillé" ou um pyjama? Aquelle, certo, para variar... Porque o pyjama é, hoje em dia, mais uma veste feminina que masculina. As mulheres dormem de pyjama, no pouco tempo que demoram em casa vestem pyjama, vão de pyjama á praia, emquanto que, os do sexo forte, não vão á praia de pyjama. Portanto: 3 x 2.

A tarde esta quente, porém, muito clara. A luz convida-nos a um passeio. Pela cidade? Será que ainda por ali transitam mulheres elegantes? Resolvo-me a trocar o meu "deshabillé" masculino por um vestido de crêpe, um vestido sem mangas, que não faça calor. Não é muito commum, actualmente, que se vejam vestidos sem mangas. A carioca gostou da moda de mangas de dez centimetros. Ou assim ou compridas. Mas as outras, mais curtas ainda, não serão mais proprias ao tempo que passa? Emfim, a Senhora Moda ordena, não ha remedio senão obedecer.

Pela Beira-Mar um omnibus corre, aos solavancos, fazendo a nós, passageiros, mostrengos da Light ou da Auto Viação, invejar os "particulares" que deslisam pelo asphalto guiados, muitas vezes, por lindas moças. Acode-me isso ao espirito, e ao sorriso que acompanha a idéa corresponde o sorriso de Berilo Neves, que, vestido de novo e de polainas novinhas em folha está sentado num dos bancos que formam a sala do carro, um dos que dão costas para a calçada. E' que o autor da "A Costella de Adão" dissera que as mulheres que guiam automoveis nunca são bonitas.

+ + +

Na cidade. 5 da tarde. Hora do sorvete. Ha uma casa de chá frequentada por gente da "haute". Logo de chegada fico contente: Maria Leonarda, de rosa, acena-me e convida-me para um cavaco emquanto tomamos gelados.

O general Tasso Fragoso, pouco adiante, toma chá. Tambem a senhorita Cotta, de branco, gosta da fina bebida. Marina Padua, de *mousseline* florida, conversa com Maria José Fernandes, de preto. Noutra mesa, a senhora Joaquim Nicolau, de rosa vivo; de rosa, a senhora Negra Bernardes Müller; de rosa, a senhora Montenegro; de rosa, a senhorita Maria José de Queiroz; de rosa, a baroneza de Saavedra; de rosa... Mas na cidade está tudo côr de rosa.

Na Casa Leblon, muitas moças bonitas. Oiço de Esmeralda, uma creatura de pelle de seda e grandes olhos de mel, que vae usar vestidos de mol-mol. Muito calor, e a seda é quente. Um vestido de mol-mól finissimo, todo guarnecido de pregas meudas ou de pregas "religieuse", é fresco e juvenil.

eu sei que não é o calor nem a economia que influem na decisão da joven. Sabe que é bonita, sabe que ficará bem, e é mais uma adepta, este anno, dos tecidos de linho e de algodão. O linho, a cambraia, o mol-mol, estão, pois, muito apreciados. Vestidos brancos ou de côr, em taes fazendas, quando feitos com gesto, são graciosissimos. Lavaveis e praticos. E mais praticos ainda se os coloridos trouxerem a significativa marca das anilinas Indanthren.

A' porta da Colombo agrupam-se politicos do Brasil Novo, e dos que adheriram ao movimento de Outubro. Uma volta rapida pela Ouvidor, onde passo com difficuldade em virtude da agglomeração. As casas de victrola victrolam os sambas do carnaval que os transeuntes escutam silenciosos.

Mas está quente a valer. Numa esquina da Avenida espero um omnibus. Passam: Porto da Silveira e Veiga Lima. E, num automovel, Oswaldo Aranha fuma e olha as calçadas, onde, a esta hora, passear ainda é uma occupação.

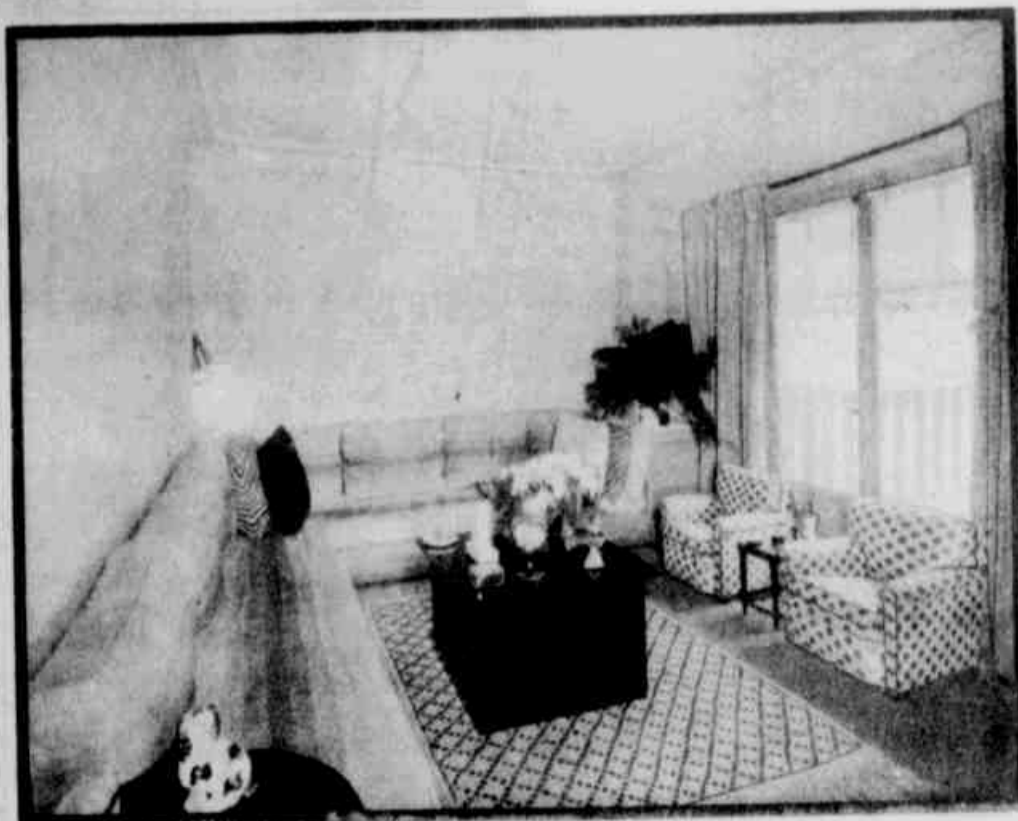
**Os figurinos desta pagina: pyjama de "toile de soie" rosa e azul; deshabillé" de crêpe de seda cereja e pospontos de prata; "liseuse" de crêpe de seda azul de pervinca e pospontos rosa; "deshabillé" de velludo preto e "revers" rosa secco; vestido de interior de velludo verde pallido guarnecido de "hermine"; vestido de interior de crêpe setim branco; vestido de interior de velludo de seda vermelho vivo e "revers" rosa. Bolsas modernas e o modo de mobiliar um appartamento de pequenas dimensões.

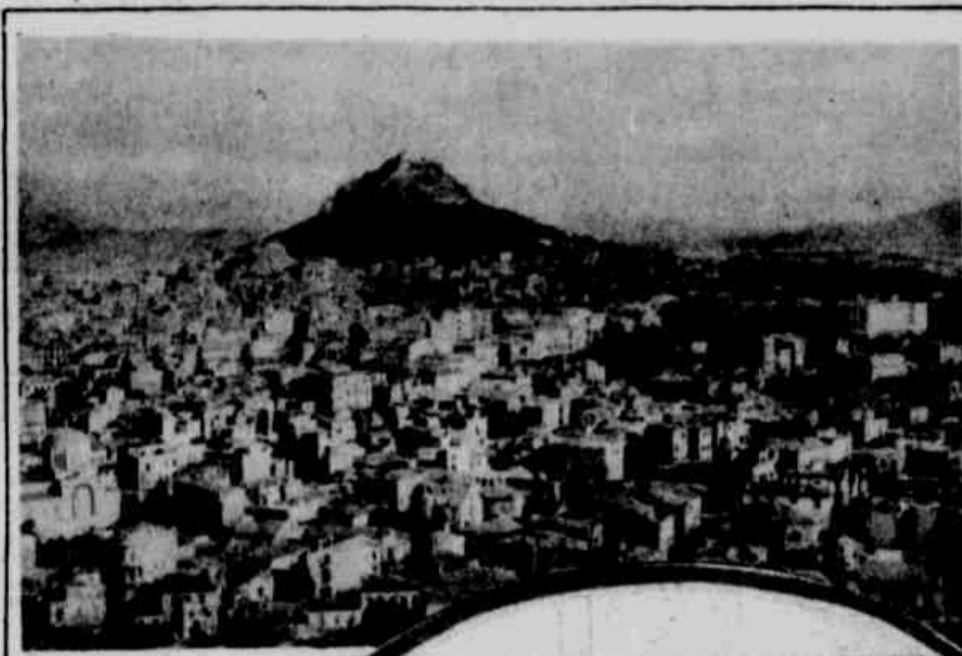
+ + +

Perfumes nacionaes: de A. Dorét — rua Alcindo Guanabara.

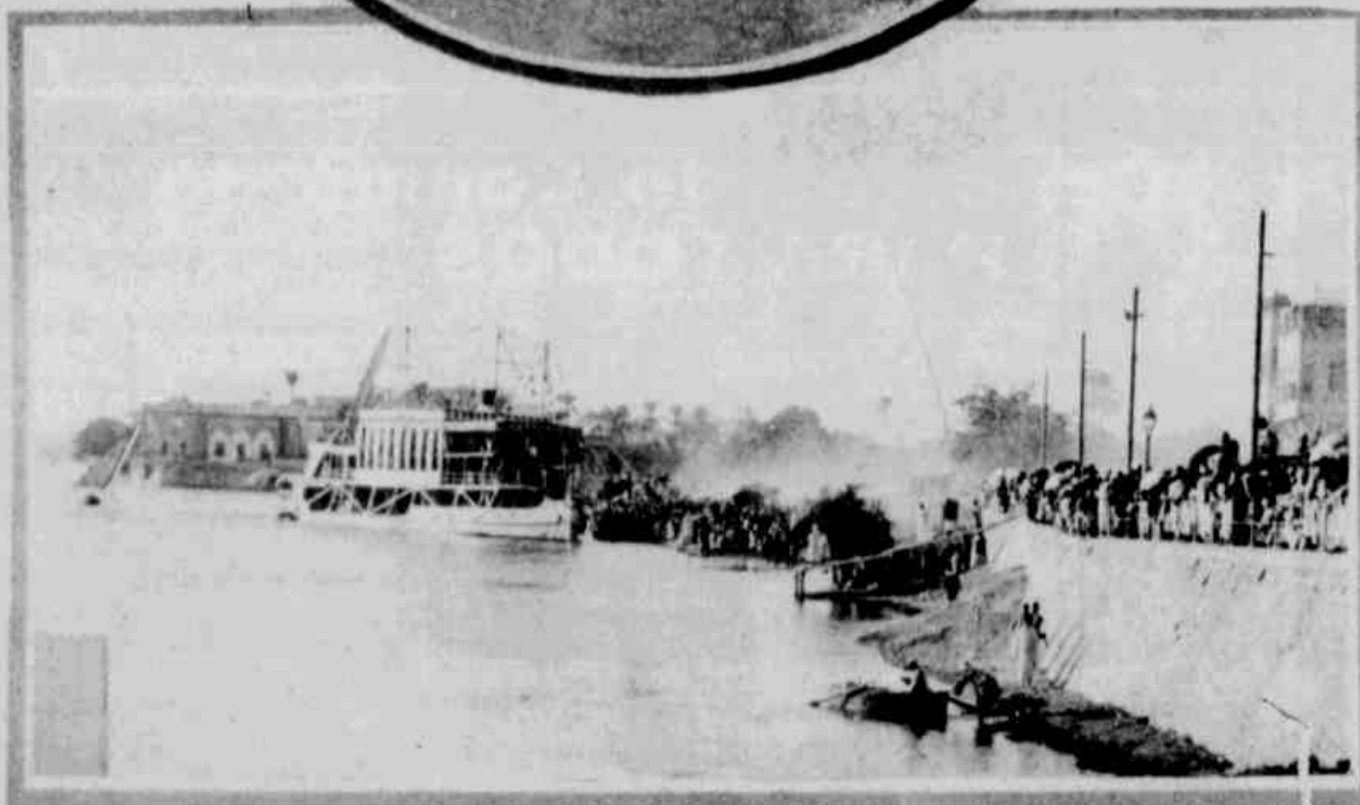
+ + +

O melhor figurino: Moda e Bordado.

SORCIÈRE

Alfarrabistas do caes do Sena, Paris

Athenas, Grecia

Na praia do Estoril, Portugal

A estação e a Cathedral de Amiens, na França

DA TERRA DOS OUTROS

Festa da cheia do Nilo no Cairo, Egypto

SOLICITAM-NOS DO GABINETE DO SNR. SUB-DIRECTOR DO TRAFEGO POSTAL:

"Numerosa é e correspondencia (cartas, impressos, amostras) que cahe em refugo por falta ou insufficiencia de endereço, quer do remettente, quer do destinatario.

No intuito de reduzir ao minimo a correspondencia não entregue aos destinatarios, nem restituida aos remettentes, está sendo organizado em cada Repartição distribuidora um indicador de residencias, escriptorios, etc.

Para que o trabalho seja o mais perfeito possivel, esta Sub-Directoria faz o seguinte appello a todos quantos se utilizam frequentemente do correio e não têm seus endereços na lista dos telephones ou nos almanachs:

a) — que enviem por escripto a esta Sub-Directoria seus nomes, residencias ou escriptorios;

b) — que participem na Repartição distribuidora mais proxima as novas residencias, quando se mudarem;

c) — finalmente, que quando escreverem indiquem no verso da correspondencia — seus nomes e residencias.

Esta Sub-Directoria espera que seu appello receba de todos o maior acolhimento."

A RUA DO BAIRRO BURGUEZ

(FIM)

"Si você jurá
Que me tem amô".

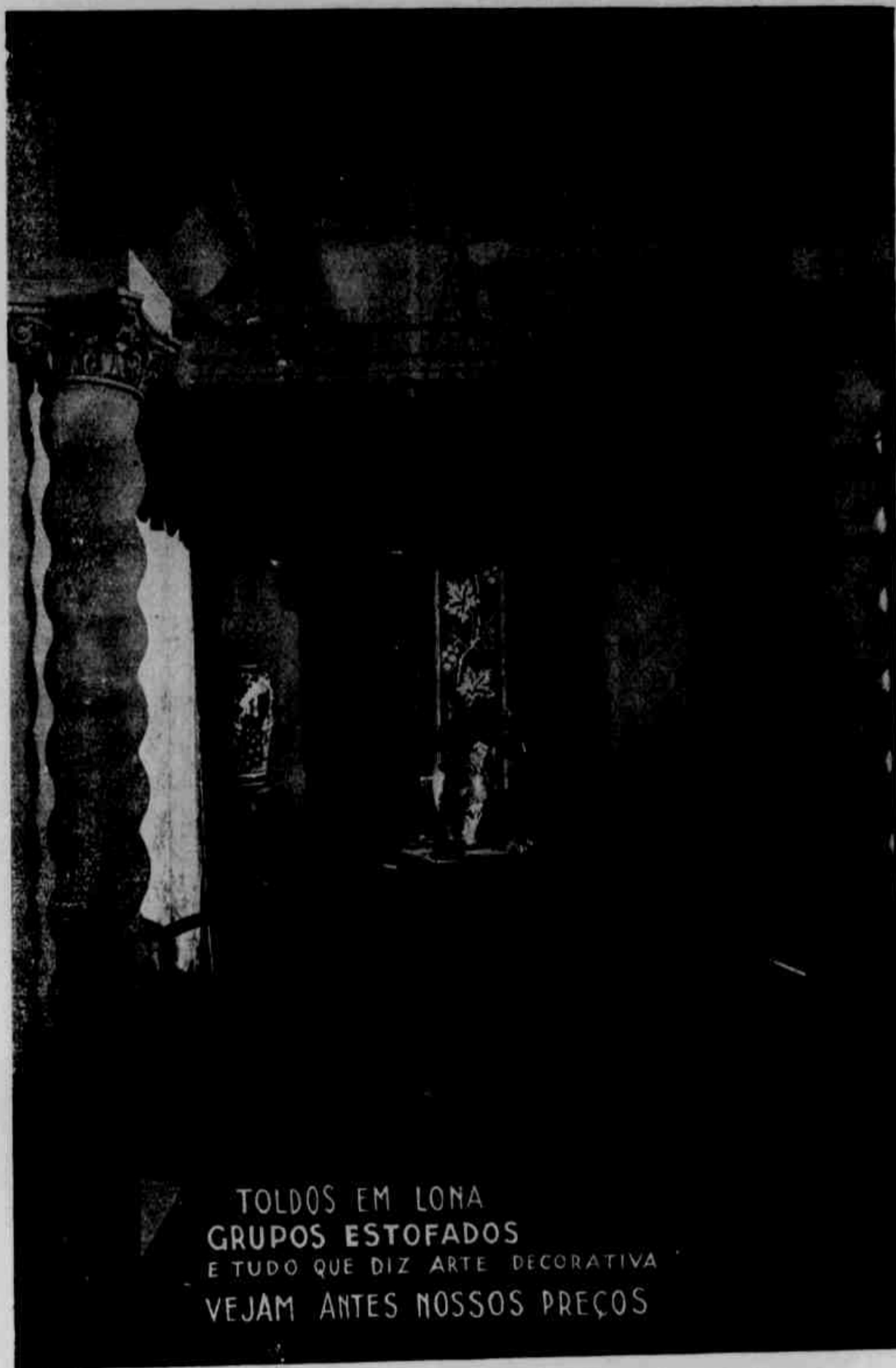
Sambas cotubas. Maxixes barulhentos. Passagens de fados relembrando a terra longe. Tudo repetido repetido, immensamente repetido como se quizesse convencer pela insistencia...

A turma junta-se pelas portas farejando palestras. Todo o mundo se conhece. Brancos, pretos, mulatos, todos entram na harmonia...

Musica, felicidade, sorvete que está um calor doido, amor, musica outra vez.

"Si você jurá
Que me tem amô
Eu posso me regenerá".

E continúa ainda por muito tempo o espectaculo da satisfação burgueza. Felicidade de limites perto. Aspirações limitadissimas. E aquella delicadeza de gente modesta:

— "Boa noite, seu Marcos..."
E "seu" Marcos parou pra conversar...

Concurso de Contos do PARA TODOS...

Considerando o enorme numero de contos que vimos recebendo diariamente com pedidos para que dilatemos ainda mais o prazo para recebimento de originaes referentes ao Concurso de Contos do "Para Todos...", visto terem-se extraviado muitos com a desorganização dos correios em época de revolução, resolvemos prorogar o prazo para o encerramento deste certamen até o dia 20 de Maio proximo futuro.

Qual será o meu futuro?

Um serviço perfeito de cartomancia, absolutamente gratuito, aos leitores de "Para todos..."

N. 714 — MARY SHARLOW (Rio) — Vejo violação de vossa correspondencia motivando constrangimento e até lagrimas. Uma falsa amiga dirá mal de vossa pessoa em um banquete e sereis defendida por uma pessoa intermediaria e de bom coração que vos estima. A caminhos demorados virá uma noticia agradavel que vos será surpresa. Haverá, por fim, um matrimonio feito por amor.

N. 715 — ZUNGUINHA (Botafogo) — Dinheiros pequenos, enredos e vicio. Haverá discordia em um casal, terminando por separação. Vejo ainda uma viagem demorada e de bons resultados. Recebereis breve uma carta reconciliatoria de pessoa desaffecta e ausente. Tereis uma surpresa que não será agradavel vinda pela porta da rua e trazida por um homem de farda. Haverá doença passageira nesta casa.

N. 716 — ALBANA — (Porto Alegre) — Vejo paixão d'alma, zelos, captiveiro e uma pequena ausencia motivando esses contratempos sentimentaes. Uma rival terá melhoria de posição, dinheiros grandes e se ausentará breve. Deveis ouvir os conselhos de um senhor idoso e de bom parecer que vos estima. Recebereis, não agora, uma carta contendo novidade e cousas pouco agradaveis. Vejo, por fim, uma pequena viagem de nenhum resultado pratico.

N. 717 — NOQUINHA (Porto Alegre) — Haverá desvio de pequenos dinheiros e leviandade de um joven causando desgostos a uma mulher morena e alguns prejuizos a um homem de negocios. Apparecem no futuro obstaculos a um casamento feliz que depois será feito com alguma fortuna e muita alegria. Uma rival despeitada se ausentará apparentando doença. Ides receber boas noticias no proximo correio de pessoa amiga e ausente, o que vos dará alegria.

N. 718 — PEROLA BRANCA (S. Paulo) — O grande numero de consulentes não permittiu attender-vos no "proximo numero" como desejaveis e sómente hoje responder vossa consulta. Vejo nas cartas um processo e condemnação motivado por uma mulher, uma rival que vos deseja mal. Haverá mais uma doença e correspondencia cortada, além de uma ausencia de um homem de bem que se occupa de vós. Um mancebo de boa posição de fortuna vos fará uma promessa que deverá ser cumprida. Vejo obstaculos a um casamento feliz e que serão, por fim, vencidos.

N. 719 — PRINCIPE INDIANO (E. do Espirito Santo) — Um homem de negocios e outro homem da lei terão uma discordia por questões de dinheiro indo até á justiça, perdendo a questão o homem de negocios. Vejo uma viagem de bons resultados e feliz exito em vossos negocios. Vereis realizadas vossas esperanças, seguindo-se felicidade duradoura e alegria. Haverá apenas uma indisposição passageira em pessoa idosa nesta casa.

N. 720 — BORBOLETA VERDE (Piedade) — Bello futuro em que tudo será risonho, a começar por valiosa prenda que recebereis de pessoa que não esperaes. Vejo ainda um matrimonio feito com muita sympathia embora que com pouca fortuna. Deveis desconfiar de certo man-

cebo que vos trahirá se fôr attendido em suas pretensões. Um homem de bem que deseja vossa felicidade se ausentará brevemente por pouco tempo.

N. 721 — MISS BRIDGE (?) — Após um banquete ouvireis más palavras de uma rival que tem inveja de vossa ventura. Vejo doença grave em um homem idoso e claro. No futuro tereis alegrias com dinheiros grandes e melhoria de posição após um acontecimento feliz e inesperado. Vejo ainda desintelligencia entre duas amigas que se separarão. A caminhos breves vem uma carta com boas novas.

N. 722 — MISS JUJUBA (Rio) — Haverá discordia, não agora, em um casal. Depois vejo ventura ephemera. Sómente em futuro remoto apparece a felicidade trazida por um homem de bem que se preoccupa com o vosso futuro ao lado de uma mulher de bom coração e que vos estima. Matrimonio feliz, não já. Uma ausencia pouco demorada e depois bom exito em negocios.

N. 723 — CLARA (Botafogo) — Uma vizinha intrigante pretende malquistar-vos com um joven que vos estima; porém verá esse mal cortado por um vizinho benevolo e que vos aprecia. Recebereis uma prenda com cinco sentidos. Em uma egreja sabereis de novidades e do casamento de pessoa amiga ausente. Breve recebereis pequenos dinheiros em uma carta que não esperaes.

N. 724 — JOBADIAS (?) — Um tanto mysteriosas apparecem as cartas sobre vosso porvir. Vejo leviandades, seducção, um processo e condemnação. Um homem da lei e um militar se interessarão por vós. Vejo após tranquillidade e bonança. Tereis depois pequenos desgostos, arrependimento e por fim alguma alegria após uma viagem que não será pequena. Muita confusão, entretanto, em tudo.

N. 725 — ELVINGAS (Rio) — Vejo dinheiros grandes, honrarias e esperanças realizadas não já. Em horas de comidas e bebidas um militar vos dirá más palavras o que vos trará grande desgosto. Vejo viagem de pouca duração e nenhum resultado, com desvio de correspondencia o que irá contrariar uma mulher de bom coração que vos estima e presta bons serviços. Recebereis uma prenda de pessoa com que não contaes.

N. 726 — PRINCEZINHA (?) — Apparecem enredos feitos por uma rival invejosa e intrigante. Uma pessoa intermediaria e que vos estima desmanchará, em parte, esse mal. Deveis ouvir os conselhos desse homem idoso e de bom parecer que vos estima. Recebereis um mimo de amor de um joven de boa posição de fortuna e que vos fará uma promessa que será cumprida no futuro.

N. 727 — GAROTA (Praia do Russell) — Vejo no futuro um matrimonio feliz realizado após muitos obstaculos que serão vencidos. Fareis depois uma viagem não muito longa. Um homem de bem que deseja vossa felicidade, e ha de o conseguir, tambem se ausentará por doença de pouca gravidade. Vejo, por fim, esperanças realizadas, ventura duradoura e alegria nesta casa.

N. 728 — VENUSINO (Pará — Belém) — Vejo traição de pessoa que finge ser amiga, mas é invejosa e intrigante. Recebereis uma carta com más palavras em uma noite e após um banquete. Tereis desgostos intimos e sómente mais tarde apparecem signaes de bonança. Vejo astucia de um homem moreno em companhia agradavel e que vos dará prejuizos. Um homem de negocios ao vosso lado vos auxiliará muito a vencer certos obstaculos imprevistos.

N. 729 — ADORAVEL LOIRINHA (S. Paulo) — Vejo inquietações, lagrimas, ciumes, arrufos, desavenças motivadas por uma rival invejosa do vosso bem estar. Um vizinho benevolo estará ao vosso lado desmanchando o mal que vos desejam fazer. Haverá, por fim, um matrimonio feliz, embora com pouca fortuna, porém feito com muita sympathia. Uma pessoa intermediaria terá grande alegria e melhorará de posição social.

N. 730 — AIRAM RIAN (Jahú) — Sómente hoje chegou vossa vez. Foi o mais breve que poude ser... Dizem as cartas: que tereis uma agradavel surpresa vinda pela porta da rua após um banquete em que ouvireis boas palavras e uma promessa que será cumprida no futuro. Haverá uma discordia de pouca duração e perda de dinheiros pequenos por má conducta de um joven leviano. Breve haverá tambem uma doença passageira em pessoa idosa nesta casa.

N. 731 — SAUDADES (Barra Bonita) — Com cin-

UNICO REMORSO

(F I M)

contrava-se toda autoridade municipal. Poder-se-ia escrever na sua fachada a phrase: "Le Municipe, c'est moi".

Installaram no andar superior a sala das audiencias, o tribunal do jury e a directoria do povoado. Em baixo, a arrecadação, a força policial e, finalmente, o presidio.

Foi para este que Mario se dirigiu.

Falou ao soldado que se postara de sentinella na porta contigua á prisão. Volteou o resto do edificio até onde se achavam os detentos. Encostou-se em uma das grades e viu o logar que fôra reservado á penitenciaria. Este ainda era dividido ao meio por uma parede de tijolo, destinando-se uma das salas ao sexo masculino e a outra ao feminino.

Nesta permanecia uma louca a balançar-se numa tipoia, quasi despida, cabellos soltos, sempre a sorrir, mostrando os dentes, na parte inferior ainda perfeitos e na superior, apenas, a fita vermelha da gengiva. Com uma das mãos arrancava dos beiços, de momento a momento, osculos que daquelle local sombrio e infecto, talvez, fossem para o causador da sua alegre desgraça.

Elle deixou com tristeza e repugnancia aquella divisão e seguiu para a outra.

A cella um pouco ampla, dava entrada pelo portão que se collocara junto do corpo da guarda. Era esclarecida e ventilada, apenas por quatro gradis, dois ao lado do edificio e dois no fim. Dentro uma columna posta ao centro de onde se irradiavam duas redes para os cantos.

Dois prisioneiros estavam ali. Um, ainda moço, sentado nas lages que ladrilhavam o carcere, picava fumo e enchia o rançoso cachimbo.

O mais velho puzera a perna esquerda no largo peitoril de um locutorio e com a direita tinha o movimento de pendulo e fitava, além, as arvores, a amplidão, e, emfim, a interminavel natureza, onde estariam, em liberdade, outros mais perversos que elle.

Mario cumprimentou-o, sendo correspondido com a physionomia toda immovel. Perguntou-lhe o nome. Respondeu chamar-se Manuel da Conceição.

— E' Manuel das Duzias, disse-lhe o outro que se approximara e viera contar-lhe por que estava detido e pedir que o soltasse por saber que o visitante era parente do coronel Pedreiras, com influencia na politica.

— Seu **Doutô**, é uma injustiça. Conheço o pae de Vossa sinhoria. Eu estava no meu canto e o Jota deu-me um murro. Saquei da faca e o feri no braço. Por isso estou preso ha mais de 6 mez. Peço, seu Doutô para me soltá. Eu me Chamo Zé Antoio.

— Sim, vou pedir. E você, — olhou para o outro, — por que está aqui e o chamam Manuel das Duzias?

Elle poz-se logo de pé.

Segurou os ferros e de cara sempre parada, com uma larga bocca, sobre fortes e amplos prognatas, cobrindo-a um bigode de fios duros e compridos, quasi passando o mento; nariz adunco; orelhas colladas nas fontes; olhar estrabico; carapinha preta e enrolada, numa cabeça de testa fugidia, disse: chamam-me Manuel das Duzias porque matei doze.

— Doze?

Mario pasmou-se e ao mesmo tempo reflectiu: uma existencia que já destruira muitas e mais, talvez, não fizera porque estava, ali, engradada.

— Por que matou você tanta gente?

— O motivo não me importa. Não me arrependo do que fiz. Só ha uma coisa de que sinto...

E curvou-se um pouco como se todo o peso das victimas lhe subisse.

— Que foi? diga-me?

O occaso já se ia. Nas vagas crespas que deslisavam subia uma canoa de vela suja e tufada, com um navegante á proa, e por cima voava um casal de garças em busca de pouso no lodaçal da outra margem.

— Tinha um inimigo no sertão. Um dia procurei-o para o matar. Elle morava numa casa isolada. Sahiu a cavallo atraz de um boi e a mulher foi buscar agua num riacho que ficava um pouco longe. Sómente a porta de baixo ficou fechada. Num impeto entrei de faca na mão. No cantinho da sala estava uma creança de mezes, assim que me viu abriu os braços e riu-se. Eu cravei-lhe a faca com tanta força que furou até o fundo da rede...

———

No alto do campanario badalavam avemarias, como bençães de paz, do perdão e de socego sobre todo aquelle povo.

E Manuel das Duzias, ainda agarrado, com as vistas furando o espaço, firme, contrahidamente, firme, disse:

— Juro, pelas horas que batem, que é este o meu unico remorso.

GENTIL PINHEIRO

MEU PAE

A Pereira Da Silva

Vi-o fechar os olhos; e fui eu,
Quem, no supremo instante da agonia,
Do derradeiro beijo a uncção lhe deu
Na fronte veneranda e quasi fria.

Era velhinho já quando morreu.
Era velhinho e pobre. Mas um dia,
Numa quadra da vida, o que era seu
A fortunosos bens equivalia.

Não lhe abatera o animo, jamais,
O golpe do destino, que lhe quiz
Arrebatar grandezas, e honras taes.

Entretanto, na vida, o que mais dóe
E' lembrar, na pobreza, a era feliz...
Foi um pobre, meu Pae; foi um heróe.

MAX VASCONCELLOS

"Para todos..." em São Sebastião do Paraiso

A possante e disciplinada 1ª esquadra da "A. A. Aurora"

A valorosa 2ª esquadra da "A. A. Aurora"

LICENÇA N. 511 DE — 3 — 906

OUTRO

Mais uma prova irrefragavel da efficacia do PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE, nas molestias dos bronchios e da larynge, como prova o seguinte attestado do sr. capitão de mar e guerra Desiderio Celestino de Castro, em uma pessôa de sua casa:

"O capitão de mar e guerra Desiderio Celestino de Castro attesta que, tendo em sua casa uma creada, de nome Florinda Borges, atacada de uma forte bronchite e rouquidão, a ponto de não poder falar, varias pessôas lhe aconselharam o PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE: a pedido da mesma, comprou um vidro, e depois de 24 horas recobrou a voz, ficando completamente restabelecida com o uso apenas de um vidro. Por verdade, firmo o presente. — Pelotas, 18 de Fevereiro de 1922 — *Desiderio Celestino de Castro.*

O PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE acha-se á venda em todas as pharmacias e drogarias. Não acceiteis outro que vos queiram dar em substituição".

OUTRO CASO SERIO

O genuino PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE cujo effeito é assaz conhecido, empregado sempre com reconhecidas e incontaveis vantagens:

Eu, abaixo assignado, attesto, a bem da humanidade, que tendo um filho que sofria ha mais de quatro annos de uma bronchite asthmatica, foi radicalmente curado pelo maravilhoso remedio PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE. — Serra dos Tapes, 25 de Novembro de 1922 — *Joaquim José da Cruz.*

Confirmo este attestado. *Dr. E. L. Ferreira de Araujo.* (Firma reconhecida).

O PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE vende-se em todas as pharmacias e drogarias de todos os Estados do Brasil. Deposito Geral DROGARIA EDUARDO C. SEQUEIRA — PELOTAS.

ASSADURAS SOB OS SEIOS, nas dobras de gordura na pelle do ventre, rachas entre os dedos dos pés, eczemas infantis, etc., saram em tres tempos com o uso do PO' PELOTENSE. (Lic. 54 de 16-2-918). Caixa 2$000, na DROGARIA PACHECO, 43-47, Rua Andradas — RIO. E' bom e barato. Leia a bulla. Formula de medico.

Considero o primeiro medicameto contra todas as affecções syphiliticas

Diz a Illustre Dra. Izaura C. Leite.

Receitando continuamente vosso preparado denominado **ELIXIR de NOGUEIRA**, do Pharm. Chim. João da Silva Silveira, considero-o o primeiro medicamento contra todas as affecções syphiliticas e excellente depurativo do sangue.

Una (Bahia), 30 de Abril de 1917.

Dra. Izaura C. Leite

(Firma reconhecida)

GRAÇAS A'S GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES

do DR. VAN DER LAAN
Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento durante o ultimo mez de gravidez terá um parto rapido e feliz.

Innumeros attestados provam exuberantemente sua efficacia e muitos medicos o aconselham

Vende-se aqui e em todas as pharmacias e drogarias.
Deposito geral:
ARAUJO FREITAS & CIA.
RIO DE JANEIRO

UMA MARAVILHA — *ALMANACH D'O TICO-TICO* PARA 1931

Livraria Pimenta de Mello

TRAVESSA DO OUVIDOR, 34
(ANTIGA SACHET)

TELEPHONE 4-5325
RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA

Introducção á Sociologia Geral, obra premiada com o 1º premio da Academia Brasileira, de Pontes de Miranda (Dr.) (Broch.) .... 16$000
A mesma obra (Encadernada) .... 20$000
Tratado de Anatomia Pathologica, de Raul Leitão da Cunha (Dr.) Professor da Cadeira na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Broch.) .... 35$000
A mesma obra (Encadernada) .... 40$000
Tratado de Ophthalmologia, volume 1º, tomo 1º, pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.) Broch. 25$, enc. 30$000
Tratado de Ophthalmologia, volume 1º, tomo 2º, pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.) Broch. 25$, enc. 30$000
Tratado de Therapeutica Clinica, volume 1º, por Vieira Romeiro (Dr.) Broch. 30$000, enc. 35$000
Tratado de Therapeutica Clinica. Por Vieira Romeiro (Dr.) 2º volume. Broch. 25$, enc... 30$000
Siderurgia. F. Labouriau (Dr.) Broch. 20$, enc. 25$000
Fontes e Evoluções do Direito Civil Brasileiro. P. de Miranda (Dr.) Broch. 25$. enc....... 30$000
Amoroso Costa — **Idéas Fundamentaes da Mathematica**, Broch. 16$, enc. .... 20$000
Otto Rothe — **Chimica Organica** — 1º Vol. tomo 1º. Broch. 20$, enc. .... 25$000
F. Moura Campos — **Manual Pratico de Physiologia** — Broch. .... 2$000
P. Miranda — **Tratado dos Testamentos**. 1º Vol. Broch. 25$, enc. 30$. 2º Vol. Broch. 25$, enc. 30$000
C. Pinto — **Parasitologia**. 1º Vol. Broch. 30$, enc. 35$. 2º Vol. Broch. 30$, enc.......... 35$000

EDIÇÕES A VENDA

Cruzada Sanitaria, Discursos de Amaury de Medeiros (Dr.) (Broch.) .... 5$000
Annel das Maravilhas, contos para creanças, texto e figuras de João do Norte (da Academia Brasileira) (Broch.) .... 2$000
Cocaina, novella de Alvaro Moreyra (Broch.) .. 4$000
Perfume, versos de Onestaldo de Pennafort. Broch. 5$000
Botões Dourados, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva. Broch. 5$000
Leviana, novella do escriptor portuguez Antonio Ferro (Broch.) .... 2$000
Alma Barbara, contos gaúchos de Alcides Maya (Broch.) .... 5$000
Problemas de Geometria, de Ferreira de Abreu. (Broch.) .... 3$000
Caderno de Construcções Geometricas, de Maria Lyra da Silva (Broch.) .... 2$500
Chimica Geral. Noções, obra indicada no Collegio Pedro II, de Padre Leonel da Fonseca, S. J. 3ª edição (Cart.) .... 6$000
Um anno de cirurgia no sertão, de Roberto Freire (Dr.) (Broch.) .... 18$000
Promptuario do Imposto de consumo em 1925, de Vicente Piragibe (Broch.) .... 6$000
Lições Civicas, de Heitor Pereira, 2ª edição (Cart.) 5$000
Como escolher uma boa esposa, de Renato Kehl (Dr.) (Broch.) .... 4$000
Humorismos innocentes, de Areimor (Broch.)... 5$000
Toda a America, versos de Ronald de Carvalho (Broch.) .... 8$000
Indice dos impostos para 1926, de Vicente Piragibe (Broch.) .... 10$000
Questões praticas de Arithmetica, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré (Broch.) 10$000
Formulario de Therapeutica Infantil, por A. Santos Moreira (Dr.) 4ª edição augmentada. (Enc.) .... 20$000
Chorographia do Brasil para o curso primario, pelo Prof. Clodomiro Vasconcellos (Dr.) Cart. 10$000
Theatro do Tico-Tico — Cançonetas, farças, monologos, duettos, etc., para creanças, por Eustorgio Wanderley .... 6$000
O orçamento — por Agenor de Roure (Broch.) 18$000
Os Feriados Brasileiros, de Reis Carvalho. Broch. 18$000
Desdobramento — Chronicas de Maria Eugenia Celso (Broch.) .... 5$000
Circo, de Alvaro Moreyra (Broch.) .... 6$000
Canto da Minha Terra, 2ª edição. O. Marianno.. 10$000
Almas que soffrem. E. Bastos (Broch.) .... 6$000
A boneca vestida de Arlequim, de Alvaro Moreyra (Broch.) .... 5$000
Cartilha. Prof. Clodomiro Vasconcellos .... 1$500
Problemas de Direito Penal. Evaristo de Moraes. (Broch) 16$, enc. .... 20$000
Problemas e Formulario de Geometria. Prof. Cecil Thiré & Mello e Souza............ 6$000
Grammatica latina, de Padre Augusto Magne, S. J. 2ª edição (Broch.) 16$, enc.......... 20$000
Primeiras noções de latim, de Padre Augusto Magne, S. J. (Cart.) no prélo............
Historia da Philosophia, de Padre Leonel da Franca, S. J., 3ª edição (Enc.) .... 12$000
Curso de lingua grega, Morphologia, de Padre Augusto Magne, S. J. (Cart.) .... 10$000
Grammatica da lingua hespanhola, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Antenor Nascente, professor da cadeira do mesmo collegio, 2ª edição (Broch.) .... 7$000
Candido Borges Castello Branco (Cel.), **Vocabulario Militar** (Cart.) .... 2$000
Chimica elementar, problemas praticos e noções geraes, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira, Vol. 1º (Cart.) .... 4$000
Problemas praticos de Physica elementar, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 2º (Broch.) .... 2$500
Problemas praticos de Physica elementar, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 3º (Broch.) .... 2$500
Primeiros passos na Algebra, pelo Professor Othelo de Souza Reis (Cart.) .... 3$000
Geometria, observações e experiencias, livro pratico, pelo professor Heitor Lyra da Silva (Cart.) .... 5$000
Accidentes no trabalho, pelo Dr. Andrade Bezerra (Broch.) .... 1$500
Esperança — Poema didactico da Geographia e Historia do Brasil pelo prof. Lindolpho Xavier (Dr.) (Broch.) .... 8$000
Propedeutica obstetrica, por Arnaldo de Moraes 3ª edição. Broch. 25$, enc............ 30$000
Exercicios de Algebra, pelo Prof. Cecil Thiré (Broch.) .... 6$000
Miranda Valverde — **Evoluções da Escripta Mercantil** .... 15$000
Moraes — **Sã Maternidade**............ 10$000
Celso Vieira — **Anchieta** .... 16$000
Wanderley — **Album Infantil**............ 6$000
Anesi — **Physiologia Cellular**............ 8$000
Alvaro Moreyra — **Adão e Eva**............ 8$000
A. Magne — **Selecta Latina**. Broch. 12$. enc.... 15$000
Renato Kehl — **Livro do chefe de Familia** — enc. 25$000
Heitor Pereira—**Anthologia de Autores Brasileiros** 10$000
Problemas praticos de Physica elementar, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 1º Broch. 3$000

GRINDELIA
DE
OLIVEIRA JUNIOR
NÃO
FALHA NUNCA
NA
TOSSE • ROUQUIDÃO
VERDADEIRO
OLIVE